

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
MORGANA VIEIRA MODOLON

A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES DURANTE A DITADURA MILITAR
NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL

FLORIANÓPOLIS

2016

Morgana Vieira Modolon

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES DURANTE A DITADURA MILITAR
NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora: Dra. Janine Gomes da Silva

FLORIANÓPOLIS

2016

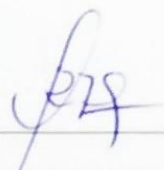
MORGANA VIEIRA MODOLON

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL DURANTE A DITADURA
MILITAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

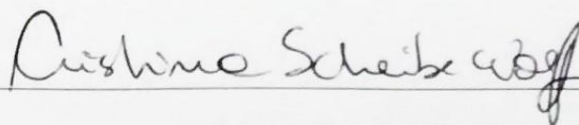
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

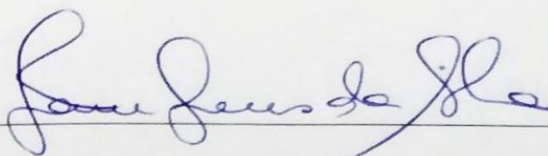


Olga Regina Zigelli Garcia

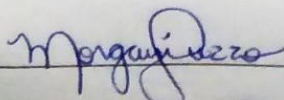
Banca Examinadora:



Cristina Scheibe Wolff



Janine Gomes da Silva



Morgani Guzzo

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
Através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Modolon, Morgana Vieira

A Representação das Mulheres Durante a Ditadura Militar
nos Livros Didáticos de História do Ensino Fundamental /
Morgana Vieira Modolon ; orientadora, Janine Gomes da
Silva - Florianópolis, SC, 2016.

64 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Mulheres. 3. Ditadura Militar . 4. Livros Didáticos
de Ensino Fundamental. 5. PNLD 2017. I. Gomes da Silva,
Janine. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. III.
Título.

AGRADECIMENTOS

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC), através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE), gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação), na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina.

Agradeço, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004, e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores da sociedade.

Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Estendo meus agradecimentos a todas as pessoas que tornaram essa experiência possível: a toda a equipe do GDE, professores e professoras que ajudaram na construção dos conhecimentos que adquiri; a coordenação, em especial a professora Olga Regina Zigelli Garcia, que tornou todos os momentos dessa experiência possíveis; a Jonatan – companheiro de todas cursistas a qualquer hora, respondendo a todos emails com rapidez e solicitude; a todas as tutoras que tivemos, especialmente a Gizele Mozzi, que cobrando e estimulando nos ajudaram a crescer; e a todas as colegas, com quem através do GDE cruzei os mesmos caminhos, compartilhando momentos, experiências e frustrações deixando então suas marcas de modo especial em minha vida.

Gostaria de agradecer especialmente a professora Janine Gomes da Silva, que dedicou parte do seu tempo a mim, sempre compreensiva e paciente, orientando-me em todas etapas desse trabalho. Além de orientadora, agradeço a professora Janine por ter

sido uma incentivadora, um exemplo de professora e historiadora que guardarei para sempre em minha memória.

Agradeço a minha amiga Patricia Guollo por sempre me apoiar, especialmente nos momentos mais difíceis da minha trajetória no GDE. Gostaria de expressar minha gratidão também, a colega de turma Cintia Gonçalves Martins, que desde a graduação está ao meu lado e foi a grande responsável pelo meu primeiro passo ao ingressar no GDE. Foi ela quem me convenceu a fazer minha inscrição no programa e desde então estive sempre repassando informações, relembRANDO-me de datas importantes e me incentivando.

Gostaria de agradecer também a Iris Gonçalves Martins, Caroline Antunes e Rosilda Silveira, mulheres muito especiais e amigas que em diferentes momentos cederam-me espaço em suas vidas e hospedagem em suas casas.

Por último, agradeço a meu amigo e companheiro, Hérom de Cezaro, que nos momentos finais estive ao meu lado ajudando-me de todas as formas possíveis, acompanhando-me em todos os momentos, com seu apoio, palavras de incentivo, gestos de afeto e sua paciência em me ouvir.

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino." (BEAUVOIR, 2009, p. 361)

RESUMO

Esta pesquisa analisou de que forma as mulheres são representadas nas imagens de onze livros didáticos, do componente curricular História do nono ano do ensino fundamental, chamados de Manual do Professor e que foram aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2017. Dentro destes livros, foram selecionados exclusivamente os capítulos referentes à Ditadura Militar Brasileira, período que compreende os anos entre 1964 e 1985, onde foi identificado como as mulheres que viveram neste período são retratadas nas obras didáticas. A pesquisa verificou também, se as coleções aprovadas no PNLD 2017 acompanham o desenvolvimento da produção historiográfica a respeito da atuação das mulheres no período, e se as coleções estão de acordo com as designações impostas pelas leis educacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Palavras-chave: Mulheres;Ditadura Militar; Livros Didáticos de Ensino Fundamental, PNLD 2017

ABSTRACT

This research analyzed how women are represented in the images of eleven textbooks of the Curricular component History, of the final years of elementary education, called Teacher's Manual, which were approved by the National Textbook Program(PNLD) 2017. Within these books, only the chapters referring to the Brazilian Military Dictatorship were selected, a period that covers the years between 1964 and 1985, with the objective of identifying how the participation of women in the period is portrayed in the didactic works and identifying if the collections accompany the development Of the historiographical production regarding the performance of women. Also noting if the collections are in accordance with the designations imposed by the educational laws, such as the Law of Guidelines and Bases (LDB) and the National Curricular Parameters (PCNs).

Key Words :Women; Military dictatorship; Didatic books, PNLD 2017.

LISTA DE SIGLAS

COGEAM – CORREGEDORIA GERAL DE MATERIAIS DIDÁTICOS

FNDE – FUNDO NACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

GDE – GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

LDB – LEI DE DIRETRIZES E BASES

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UFSC – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

UEL – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

SECADI – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO,
DIVERSIDADE E INCLUSÃO

USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PC DO B – PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

PCNs – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

PNLD – PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:Zuzu Angel.....	36
Figura 2: Catadorade Lixo.....	38
Figura 3:Angel Mãe.....	39
Figura 4: Foto de Ana Diego.	43
Figura 5: Terezinha Zerbini uma das lideres do Movimento pela Anistia	45
Figura 6: Alzira Gabrois.	47
Figura 7: Páginas na seção conexões Rita Lee.	49
Figura 8: Mães e avós da Praça de Maio	50
Figura 9: Elis Regina e Jair Rodrigues	52
Figura 10: Campanha de presidencialismo	53
Figura 11: Manifestação de professores	55
Figura 12: Elza Lima Monerat	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relações de obras e suas respectivas informações	23
Tabela 2: Número de coleções de cada editora presente nos PNLD.....	26
Tabela 3: Número de autores nos livros didáticos do PNLD 2017	28
Tabela 4: Número de imagens em cada classificação	34
Tabela 5: Número de imagens por classificação em cada livro didático.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. LIVROS DIDÁTICOS E A INDÚSTRIA CULTURAL.....	16
1.1. A HISTÓRIA DAS MULHERES NA HISTORIOGRAFIA E NOS LIVROS DIDÁTICOS	19
1.2. COLEÇÕES DIDÁTICAS E EDITORAS.....	23
1.3. AUTORAS E AUTORES	27
2. PARAMETROS DE ANÁLISE: IMAGEM E DISCURSO.....	30
2.1. IMAGENS E REPRESENTAÇÕES.....	30
2.2. ANÁLISE DAS IMAGENS.....	31
2.3. IMAGENS, AUTORES E AUTORAS E EM DADOS QUANTIFICADOS.....	34
3. ANÁLISE DOS CAPÍTULOS SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA NAS COLEÇÕES QUE CONTÉM IMAGENS COM REPRESENTAÇÕES DE MULHERES	37
3.1. COLEÇÃO HISTÓRIA.DOC	37
3.2. PROJETO ARARIBÁ – HISTÓRIA	41
3.3. PROJETO TELARIS – HISTÓRIA.....	44
3.4. ESTUDAR HISTÓRIA: DAS ORIGENS DO HOMEM À ERA DIGITAL	49
3.5. INTEGRALIS – HISTÓRIA.....	52
3.6. PROJETO MOSAICO	54
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

INTRODUÇÃO

Segundo Bereta (2007), os livros didáticos são importantes ferramentas pedagógicas utilizadas nas salas de aula de todo o Brasil. Os livros didáticos são entregues aos alunos e alunas da rede pública no início de cada ano letivo, e devem ser devolvidos ao final do mesmo ano, para serem utilizados nos anos seguintes, pois os livros didáticos possuem um ciclo trienal. Teoricamente renovados pelas editoras para se manterem atualizados, dentro do prazo de três anos são enviados para as escolas os livros aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para que os professores e professoras, de acordo com sua área de atuação, selecionem os materiais que desejam utilizar nos próximos anos (Portal do MEC, 2016).

Sabendo disso, o presente trabalho analisou onze, dos quatorze Livros Didáticos de História dos anos finais do ensino fundamental que foram aprovados pelo PNLD 2017¹, intitulados Manuais do Professor², e que poderão ser utilizados nas escolas a partir de 2017. Dentro destes livros serão analisados os capítulos referentes à Ditadura Militar Brasileira, período que compreende os anos entre 1964 e 1985. Problematizando de que forma as mulheres são retratadas nestes capítulos, observando se as coleções acompanham o desenvolvimento da historiografia, que cada vez mais representa a participação de mulheres no período. Verificando também se as coleções estão de acordo com as designações impostas pelas leis educacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

O presente trabalho teve como principal objetivo verificar se as mulheres estão sendo representadas no contexto da ditadura militar brasileira e analisou de que forma essas mulheres são representadas nos Livros Didáticos de História do Ensino Fundamental, que poderão ser utilizados nas escolas públicas do país nos próximos três anos.

Para isso, o trabalho foi dividido em três partes: a primeira parte consiste em uma pequena reflexão, partindo das formulações desenvolvidas por Circe Bittencour, a respeito da utilização dos livros didáticos nas salas de aula, e sobre a importância da

¹ Ao todo, foram aprovados quatorze livros no PNLD 2017, no entanto, neste trabalho foram analisados apenas onze destes livros, pois os três livros faltantes não foram enviados pelas distribuidoras.

² Os livros intitulados Manuais do Professor são um pouco diferentes dos livros destinados aos/as alunos/as. Eles são um pouco mais extensos, possuem algumas observações, com o intuito de fazer o/a professor/a problematizar algumas questões, possuem indicações de correção das atividades e algumas atividades e textos extras.

análise desses materiais, visto que os livros didáticos não são neutros, e sim produtos de uma indústria cultural. Também foi brevemente analisada a inclusão das mulheres na historiografia e nos livros didáticos; por fim, foram apresentadas as editoras e os autores das coleções analisadas.

Na segunda parte, foram discutidos os conceitos de representação e imagem utilizados neste trabalho, utilizando-se principalmente as formulações conceituais de Roger Chartier, Sandra Jatahy Pesavento, Peter Burke e Ana Maria Mauad. Finalizando a segunda parte desta pesquisa, foram descritos os parâmetros de análise para as imagens e quantificadas as imagens que foram analisadas.

Para finalizar, foram pontuadas todas as coleções didáticas aprovadas no PNLD 2017³ onde foram encontradas imagens classificadas dentro da metodologia proposta, como imagens de mulheres.

³ Refiro-me aos onze livros mencionados anteriormente.

1. LIVROS DIDÁTICOS E A INDÚSTRIA CULTURAL.

O livro didático é uma importante ferramenta utilizada em sala de aula por professores e professoras, de praticamente todas disciplinas da maioria das escolas públicas brasileiras:

O livro didático constitui-se na principal fonte de informação impressa utilizada pelas populações escolares - uma utilização que se intensifica quanto menor o acesso dessas populações a bens econômicos e culturais -, parece ser o principal impresso em torno do qual se organiza e se constitui a escolarização (BERETA, 2007, p. 223).

Sabendo que a escola pública é composta por uma diversidade imensa de sujeitos, de diferentes classes sociais e com diferentes níveis de acesso a informação, o livro didático se configura em uma ferramenta de fácil acesso a grande maioria dos alunos e alunas das escolas públicas, uma vez que é distribuído gratuitamente em todas as unidades escolares do país. Desse modo, o livro didático ganha destacada importância na vida de muitos meninos e meninas que frequentam as escolas públicas, podendo ser eventualmente os únicos, ou um dos poucos livros existentes em suas casas. Segundo Silva (2009), a importância do livro didático é tanta que, em muitas escolas e lares brasileiros, o acervo bibliográfico é constituído basicamente pela literatura didática.

Além disso, o livro didático pode ser entendido como um importante elemento na construção do conhecimento e na formação de opinião. Segundo Bittencourt (2012), o livro didático é um objeto cultural de difícil definição, por ser uma obra complexa e que possui a interferência de diferentes profissionais em sua produção. Pois é produto de uma complexa rede de poder, que envolve seus autores e suas autoras, editoras e o Estado. Por tanto, as autoras Schimdt e Cainelli (2009), afirmam que os livros didáticos não são neutros, isso porque, como qualquer produção cultural, o livro didático resulta das relações de poder de inúmeros grupos sociais.

Por isso, segundo Bittencourt (2010), para que seja possível compreender e também analisar o livro didático, é necessário considerar o seu caráter ideológico. Para a autora o livro didático deve ser compreendido como portador de ideologias e do saber oficial, norteados pelos interesses das classes dominantes e controlado pelo Estado. De modo que, na vida escolar, o livro didático pode ser o instrumento de reprodução e contestação de ideologias, sendo um importante elemento na construção do conhecimento e também na formação de opinião:

O livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de ideologia, de cultura. Várias pesquisas demonstram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando tema, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade branca burguesa. (BIRENCOURT, 2010, p. 72)

Desse modo, por ser entendido como um importante elemento na construção do conhecimento e na formação de opinião, o livro didático deve ser compreendido também como um instrumento político.

Além de estar presente cotidianamente na realidade de milhares de alunos e alunas, o livro didático é um dos materiais que norteia a prática pedagógica de professores e professoras de todo o país, tanto em seu aspecto pedagógico, quanto político. Isso ocorre porque as escolas públicas brasileiras, especialmente no que diz respeito à estrutura física, são diferentes umas das outras. Sendo que muitas delas encontram-se sucateadas, não fornecendo aos professores e professoras, as mínimas condições de acesso a informação e a outras fontes de conhecimento, além dos livros didáticos presentes nas reduzidas bibliotecas escolares.

Segundo Silva (2009), muitas vezes, em função da desvalorização da profissão docente que acaba levando a uma profunda desmotivação dos/as profissionais da área da educação, ou pela precariedade da formação desses/as profissionais, muitos professores e muitas professoras acabam se estabelecendo em uma zona de conforto. Na qual o livro didático é um guia acessível, simplificado e prático para se conduzir as aulas:

Para a maioria dos professores, o trabalho pedagógico é altamente complexo em virtude do extenso conteúdo a ser explorado no decorrer do ano letivo. Assim, o livro didático surge como um material capaz de condensar, num suporte portátil, um conjunto de informações imprescindíveis para o ensino da disciplina. A opção por não adotar o livro didático, além disso, pode representar uma carga de trabalho excessiva para o professor, envolvido em inúmeras outras atividades. (SILVA, 2009, p. 46)

Ou seja, o livro didático é um suporte para os conhecimentos escolares, ele é uma dos principais mecanismos que reúne o que será ensinado nas salas de aula, por esse motivo, segundo Bittencourt, é de interesse direto do Estado controlar o que está ou não está presente em suas páginas:

Constitui também um suporte de conhecimentos escolares. Essa característica faz que o Estado esteja sempre presente na existência do livro didático: interfere indiretamente na elaboração dos conteúdos escolares veiculados por ele e posteriormente estabelece critérios para avaliá-lo, seguindo, na maior

parte das vezes, os pressupostos dos currículos escolares institucionais. (BITTENCOURT, 2011, p. 301)

Tal controle por parte do Estado pode ser observado na estruturação do Programa Nacional do Livro Didático, criado em 1985 e que tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico de professoras e professores da rede pública, por meio da distribuição de livros didáticos:

O Programa Nacional do Livro Didático tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Após a avaliação das obras, o Ministério da Educação (MEC) publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções consideradas aprovadas. O guia é encaminhado às escolas, que escolhem, entre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendem ao seu projeto político pedagógico. (PNLD, 2016)

O processo de seleção e distribuição dos livros didáticos, apesar de contar com a participação parcial de professores e professoras dos diversos componentes curriculares, é inteiramente controlado pelo Estado, e ocorre da seguinte maneira: cabe ao Programa Nacional do Livro Didático subsidiar a seleção das coleções didáticas que chegam até as escolas, onde apenas uma delas deve ser selecionada pelos professores e professoras de cada componente curricular, para ser utilizada por três anos. Dentro desse prazo, ocorre novamente à troca das coleções, por isso as editoras que produzem os livros didáticos devem renovar suas coleções. Teoricamente a fim de mantê-las sempre atualizadas e em consonância com as novas discussões desenvolvidas em cada uma das áreas dos respectivos componentes curriculares (Portal do MEC, 2016)⁴.

Ao final do prazo de três anos, ocorre uma nova escolha de livros didáticos, e as coleções teoricamente renovadas são enviadas pelas editoras para uma reavaliação pelo Programa Nacional do Livro Didático. Onde a Coordenação Geral de Materiais Didáticos (COGEAM), é a responsável pela avaliação e seleção das obras inscritas e pela formulação do Guia de Livros Didáticos do Programa Nacional do Livro Didático. Nesse guia, os livros aprovados são analisados de acordo com alguns critérios estabelecidos a partir das leis educacionais vigentes no país. O guia é publicado e tem como finalidade auxiliar professoras e professores na escolha das coleções. A parte logística da distribuição dos livros, fica a critério do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) (PORTAL do MEC, 2016).

⁴Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>. Acessado em 01/12/2016, as 20h.

Entre junho e agosto de 2016 ocorreu nas escolas públicas estaduais, as escolhas dos livros didáticos do ensino fundamental que serão utilizados a partir de 2017. O processo de avaliação dos livros didáticos, no entanto começou em 2015, quando as editoras inscreveram suas coleções no PNLD para serem avaliadas. No caso dos livros didáticos do componente curricular História, a avaliação foi feita por profissionais da Universidade Estadual de Londrina (UEL), sendo que os livros didáticos aprovados que constam no Guia de Livros Didáticos do Programa Nacional do Livro Didático de 2016, somam um total de quatorze coleções (PORTAL do MEC, 2016).

1.1. A HISTÓRIA DAS MULHERES NA HISTORIOGRAFIA E NOS LIVROS DIDÁTICOS

Durante muito tempo a História estabeleceu um lugar secundário a diferentes grupos sociais, fundamentando-se no próprio conceito de História, que defendia uma História Oficial, que segundo Burke (1992a), deveria ser única, objetiva, essencialmente política, vista de cima e pautada em documentos oficiais. Nessa perspectiva, por muito tempo a História se ateve apenas a acontecimentos tidos como relevantes, que eram sempre ligados a História do Estado e de grandes homens, excluindo de suas narrativas todos aqueles que não participavam diretamente do controle do Estado, ou não estivessem à frente dos grandes acontecimentos. Desse modo, inúmeros sujeitos foram esquecidos pela História, e as mulheres faziam parte desses sujeitos.

Esse modelo de História de acordo com Burke (1992b), predominou na Europa até aproximadamente 1929, quando houve a fundação da revista francesa *Annales d'histoire économique et sociale*, que contribuiu para iniciar a criação de uma nova concepção de História, pautada na interdisciplinaridade e com foco na História econômica e social. A partir da Escola dos Annales, iniciou-se um movimento de construção de um novo paradigma de História, expandindo a História a outros domínios além do político. Valorizando as estruturas e não mais os acontecimentos; e também abrindo um leque de possibilidades de fontes de pesquisas, contribuindo com o processo de tornar visível alguns sujeitos que até aquele momento estavam no esquecimento.

Apesar das grandes contribuições apresentadas pelos historiadores dos Annales, no que diz respeito ao uso de novas fontes e a abertura da História a novos campos de pesquisa, segundo Burke (1992b), apenas na terceira geração, após sofrer duras críticas

do movimento feminista, os historiadores e historiadoras dos *Annales* começam a incluir as mulheres em suas pesquisas de forma mais contundente.

Segundo Rachel Soihet (1991), as feministas, especialmente a partir da Segunda Onda do Movimento Feminista, ocorrida a partir da década de 1960, ofereceu grandes contribuições para o surgimento da história das mulheres. A autora argumenta que nos Estados Unidos, França e Inglaterra, surgiu por parte de estudantes uma demanda por informações a respeito das questões que estavam em pauta no movimento feminista. Ao mesmo tempo, docentes começaram a promover o debate, que também era motivado por tais movimentos, tornando a história das mulheres uma questão conhecida institucionalmente nas universidades. Posteriormente, nos anos de 1970 estas discussões estenderam-se para outras partes da Europa e para o Brasil.

Além disso, segundo Pedro (2005), durante a Segunda Onda do Feminismo, as feministas traziam como ideia central às palavras de ordem “privado é político”, incluindo a vida privada no campo das relações de poder. De forma semelhante, historiadores/as, introduziam as mulheres na historiografia, primeiro no âmbito privado e mais tarde compreendendo a relação indissociável entre os segmentos públicos e privados.

Desde o final do século XX, com base nos estudos feministas, houve uma crescente produção bibliográfica a respeito do tema dentro das ciências sociais. No caso dos livros didáticos, a incorporação desses saberes se deu a partir de 1990. No entanto, segundo Bereta (2007), a incorporação das renovações historiográficas aos livros didáticos, como estudos sobre mulheres e outras minorias, incluindo questões étnico raciais, se deu de forma periférica. Esses temas passaram a compor o saber histórico escolar, através dos livros didáticos, mas como tema de importância secundária, através de *links* ou *boxes* dentro dos textos principais.

Segundo a autora, ao incorporar temáticas que envolvem mulheres e relações de gênero como apêndices da história geral – através de textos complementares -, são expostas, paradoxalmente, permanências, ao invés de mudanças (BERETA, 2007, p. 229). Essa é uma questão problemática, pois representa mais uma insistência em manter esse conhecimento histórico escolar ligado aos modelos tradicionais, seguindo uma cronologia tradicional e valorizando a esfera pública nos mesmos moldes que a tradicional história política, valorizando os grandes nomes e seus feitos. De modo que, essa tendência em manter as mulheres em segundo plano na história das salas de aula, se deve a forte presença do pensamento machista em nossa sociedade, e ao enraizamento

da História tradicional no ensino “através de dois séculos de ensino de História –, de uma tradição evolutiva, cronológica e eurocêntrica, que as reformas realizadas nesse período não conseguiram superar” (ABUD apud BERETA, 2007, p.228).

Ao analisar os livros didáticos de História do ensino médio aprovados no PNLD de 2008, Machado (2011) observa que apesar de a discussão de gênero ganhar espaço nas universidades, ela não aparece nos livros didáticos. Sendo que, os livros didáticos apenas iniciaram a introdução da história das mulheres, concordando com Bereta (2009) ao afirmar que essa inclusão se dá de maneira secundária:

os livros didáticos de História ainda não incorporaram as discussões de gênero que vêm sendo elaboradas no campo das Ciências Humanas, tanto nas universidades brasileiras quanto em instituições de outros países das Américas e Europa. O que se percebe é uma lenta introdução, em alguns capítulos dos livros didáticos, de textos de História das Mulheres. Esta é geralmente alocada em um “box”, um espaço destacado da página, sem relação com o texto principal. (MACHADO, 2011, p. 1312)

O autor chama atenção também, ao fato de que as mulheres nunca são mencionadas. Mesmo que nas imagens seja evidente a sua participação em vários eventos, nos textos predomina a utilização generalizações masculinas:

os manuais descrevem as grandes passeatas promovidas pelos “estudantes” e “artistas”, as greves dos metalúrgicos, os grupos armados, as estratégias dos órgãos de repressão e seus métodos de tortura. Porém, nenhuma referência direta é feita à participação das mulheres nesses movimentos de contestação e de enfrentamento ao regime. (MACHADO, 2011, p. 1313)

Para o autor, a ausência de referências a atuação das mulheres no período, não se deve a uma carência historiográfica:

Num primeiro momento de nossa pesquisa acreditamos que a ausência da história da participação das mulheres nas lutas contra a ditadura nos livros didáticos de história se devia à ausência de uma bibliografia que abordasse o tema. Porém, um levantamento nos mostrou que desde o final dos anos 1980 estão sendo publicados livros que relatam as memórias dessas mulheres que romperam estereótipos de gênero e buscaram as ruas para lutar por direitos políticos e contra as injustiças sociais. (MACHADO, 2010, p. 5)

De fato, especialmente nos últimos dez anos, houve um grande aumento na produção historiográfica envolvendo discussões de gênero e ditadura militar. A Universidade Federal de Santa Catarina, por exemplo, tem feito um trabalho grandioso através do Laboratório de Estudos de Gênero, que tem contribuído significativamente nessas pesquisas.

Alem disso, hoje em dia, espera-se que os alunos e alunas saiam da escola compreendendo as continuidades e descontinuidades históricas que formaram a

sociedade em que os mesmos estão inseridos/as. De modo que possam pensar criticamente sobre essa sociedade, tendo capacidade de formular suas próprias análises e opiniões criticamente. Essas mudanças, ao menos na teoria, podem ser observadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de História (PCN História), ao afirmar em seu texto que:

É fundamental que ao longo de sua escolaridade os estudantes transformem suas reflexões sobre as vivências sociais no tempo, considerando a diversidade de modos de vida em uma mesma época e em épocas diferentes, as relações entre acontecimentos nos contextos históricos e as relações entre os acontecimentos ao longo de processos contínuos e descontínuos. É igualmente importante que aprendam procedimentos para realizar pesquisas históricas, para discernir e refletir criticamente sobre os indícios das manifestações culturais, dos interesses econômicos e políticos e dos valores presentes na sua realidade social. E que possam refletir sobre a importância dos estudos históricos e assumir atitudes éticas, criteriosas, reflexivas, de respeito e de comprometimento com a realidade social. (PCN HISTÓRIA, 1998, p53)

Esses preceitos são reforçados pela LDB, que afirma que um dos objetivos da formação de alunos e alunas é a construção de sua capacidade de formulação de crítica social, visando à formação de sujeitos autônomos:

Art. 168 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, **visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, sua capacidade de elaboração e reflexão crítica da realidade, seu preparo para o exercício da cidadania** e sua qualificação para o trabalho, respeitadas as diferenças culturais da sociedade. (LDB, 2014, p. 27)⁵

Nos PCNs, é possível observar que existe uma preocupação em incluir as mulheres no ensino de história, obrigatoriamente através da articulação dos conteúdos e de temas transversais. Dentre os temas transversais em que as questões relacionadas às mulheres são visíveis, podemos citar, por exemplo, o tópico a seguir:

As imagens, representações e valores em relação ao corpo, à sexualidade, aos cuidados e embelezamento do indivíduo, aos tabus coletivos, à organização familiar, à educação sexual e à distribuição de papéis entre homens, mulheres, crianças e velhos nas diferentes sociedades historicamente constituídas; (PCN, 1998, p. 49)

É importante lembrar, que já se avançou muito no ensino de história com relação à inclusão de outros sujeitos. Como exemplo podemos citar a inclusão do ensino de

⁵ Grifo da autora.

história e cultura africana e indígena nas escolas e nos livros didáticos, uma norma imposta pela lei número 11.645, de 10 de março de 2008 e a lei número 10.639, de 9 de janeiro de 2003. De modo que, apesar dos obstáculos ainda enfrentados e de haver muito a ser feito, as transformações no ensino de História encontram-se em progresso.

1.2. COLEÇÕES DIDÁTICAS E EDITORAS

Nesse Trabalho de Conclusão de Curso foram analisados os livros didáticos de História para o ensino fundamental, aprovados no PNLD 2017. Devido ao recorte temporal escolhido – ditadura militar brasileira (1964-1985) – todos os livros analisados são destinados ao 9^a ano do ensino fundamental, sendo que a análise será limitada apenas as páginas que abordam esse recorte. Seguindo a ordem de apresentação do Guia de Livros Didáticos do PNLD de 2017, fizeram parte da análise, as respectivas obras, com as seguintes informações:

Tabela 1: Relações de obras e suas respectivas informações

<i>Edição/Ano</i>	<i>Coleção</i>	<i>Autora/s e autor/es</i>	<i>Editora</i>	<i>Páginas a serem analisadas</i>
2ª edição/ 2015	Historiar	Gilberto Cotrin e Jaime Rodrigues	Saraiva Educação	206-221
1ª edição/ 2015	Projeto Mosaico – História	Claudio Vicentino e Jose Bruno Vicentino	Editora Scipione	196-217
3ª edição/ 2015	Vontade de Saber – História	Marco Pellegrini, Adriana Dias e Keila Grinberg	FTD	268-295
4ª edição/ 2014	Projeto Araribá – História	Maria Raquel Apolinário	Editora Moderna	208-235
2ª edição/ 2015	Estudar História: das origens do homem à era digital	Patrícia Ramos Braick	Editora Moderna	198-215
2ª edição/ 2015	Projeto Teláris – História	Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi	Editora Ática	188-207
2ª edição 2015	Projeto Apoema – História	Renato Mocellin e Roseane de	Editora do Brasil	202-219

		Camargo		
1ª edição/ 2015	História.Doc	Ronaldo Vainfas, Jorge Ferreira, Sheila de Castro Faria e Daniela BuonoCalainho	Saraiva Educação	276-293
1ª edição/ 2015	Piatã	Vanise Maria Ribeiro e Carla Maria Junho Anastasia	Editora Positivo	181-204
3ª edição/ 2015	História, Sociedade e Cidadania	AufredoBoulos Júnior	FTD	225-251
1ª edição/ 2015	Integralis – História	Pedro Santiago, Maria Aparecida Pontes e Célia Cerqueira	Editora IBEP	248- 263

Fonte: Quadro feito pela autora com base nos dados disponíveis no documento Guia de Livros Didáticos do Programa Nacional do Livro Didático de 2017.

Sabendo que o livro didático é um produto da indústria cultural, para compreender melhor o universo do mercado editorial de livros didáticos, optou-se por analisar brevemente as editoras e autores/autoras envolvidos/as com a produção dos livros analisados. Foram enfatizadas às editoras que estiveram presentes nas três últimas versões do PNLD dos anos finais do ensino fundamental, para a disciplina de História, que ocorreram nos anos de 2008, 2011 e 2017.

Ao analisar as três últimas versões do PNLD, é possível observar que cinco editoras estão presentes nas três versões. Sendo elas as editoras FTD, Saraiva Educação (ou Saraiva Livresiros e Editores, como aparece na versão de 2008), Editora Moderna, Editora Scipione e Editora Ática.

A Editora Ática foi fundada em 1965 em São Paulo, possui em sua página na internet um catálogo com inúmeras coleções didáticas (ATICA, 2016)⁶, das quais foram aprovadas no PNLD de 2008 um total de quatro coleções, decaindo para três em 2011 e tendo apenas uma coleção aprovada no PNLD 2017. A coleção aprovada PNLD 2017 intitula-se *Projeto Teláris – História* e já estava presente nos PNLDs anteriores.

⁶ Disponível em: <http://www.aticascipione.com.br>. Acessado em 22/11/2016, as 22h.

Atualmente a Editora Ática faz parte de grupo de editoras chamado Somos Educação, que segundo seu próprio site, é o maior grupo de educação básica do Brasil, contando com escolas, sistemas de ensino, editoras, produtos e serviços para gestão e formação complementar (SOMOS, 2016)⁷.

Também atualmente sendo integrante do grupo Somos Educação, a Editora Scipione está há mais de 40 anos no mercado editorial e também conta com uma grande variedade de coleções didáticas em seu site (ATICA, 2016)⁸. A Editora Scipione aprovou no PNLD de 2008 apenas uma coleção didática, aumentando para três em 2011, e decaindo novamente para uma coleção no PNLD de 2017, sendo que a coleção aprovada está em sua primeira edição e não constava nos anos anteriores. Trata-se da coleção *Projeto Mosaico – História*.

A Editora Saraiva que existe desde 1914, também faz parte do grupo Somos Educação (SARAIVA, 2016)⁹. Bem como as editoras mencionadas anteriormente, a Editora Saraiva aparece nas três versões do PNLD e não possui nenhuma coleção recorrente. Tendo aprovado duas coleções no PNLD de 2008, três no PNLD de 2011, atualmente a editora possui três coleções aprovadas pela primeira vez. São elas a coleção *Jornadas.Hist – História*¹⁰, *Historiar* e *História.Doc*.

Outra editora que também aparece nas três versões do PNLD é a editora FTD, fundada oficialmente em 1902. A editora possui ligação com o grupo Marista, sendo uma das mais antigas editoras brasileiras e também possui uma extensa variedade de coleções de livros didáticos publicados em seu site (FTD, 2016)¹¹. A FTD está presente nas três edições do PNLD analisadas, com número de coleções aprovadas variando a cada ano. No caso do PNLD de 2017, foi aprovada a coleção *Vontade de Saber – História*, que apesar de estar aparecendo pela primeira vez nas três versões do PNLD, já está em sua terceira edição. Também foi aprovada novamente a coleção *História, Sociedade e Cidadania*. Tal coleção é recorrente nas três versões e também já está em sua terceira edição.

⁷ Disponível em: <http://www.somoseducacao.com.br/pt/>. Acessado em 22/11/2016, as 22h.

⁸ Disponível em: <http://www.aticascipione.com.br>. Acessado em 22/11/2016, as 22h.

⁹ Disponível em: <http://www.editorasaraiva.com.br/o-grupo-saraiva/#nossa-historia>. Acessado em 22/11/2016, as 21h.

¹⁰ O livro *Jornadas.Hist – História*, não foi enviado pela distribuidora a Escola de Educação Básica Melchades Bonifácio Espíndola, instituição que cedeu os livros à pesquisadora. O livro é de autoria de Maria Luísa Vaz e Silvia Panazzo e está em sua na 4ª edição/ 2015. Sobre esse assunto a Gerencia Regional de Criciúma ficou de verificar informações, mas não repassou resposta.

¹¹ Disponível em: <http://www.ftd.com.br/a-ftd/a-historia/>. Acessado em 22/11/2016, as 20:30h.

A Editora Moderna, fundada em 1968, atualmente está vinculada ao grupo Santillana e também conta com um catálogo com inúmeras coleções didáticas em sua página na internet (MODERNA, 2016)¹². Com uma média de duas coleções de livros didáticos aprovado sem cada uma das três versões. A Editora Moderna, assim como a editora FTD, possui uma coleção recorrente, a coleção *Projeto Araribá – História*, que já está em sua quarta edição, datada de 2014 – a mais antiga de todas as edições aprovadas dentre as coleções do PNLD 2017.

Já a Editora Positivo, no mercado a mais de 35 anos, com sede em Curitiba (POSITIVO, 2016)¹³, possuiu duas coleções aprovadas no PNLD de 2008, e atualmente está com a coleção *Piatã* e a coleção *História para o nosso tempo*¹⁴ aprovadas no PNLD de 2017.

Enquanto isso, a Editora IBEP, fundada em 1965 (IBEP, 2016)¹⁵, aparece pela primeira vez no PNLD de 2017, com a coleção *Integralis – História*.

Em cada uma das três versões do PNLD que foram consideradas para este trabalho, comumente apareceu ao menos uma coleção de uma editora diferenciada: no PNLD de 2008 eram as editoras Escala Educacional e Quinteto editoria, com uma coleção cada; já em 2011 a editora Edições SM teve uma coleção aprovada. É possível observar no quadro abaixo, o número de coleções de livros didáticos de cada editora nas três versões do PNLD, para a disciplina de História do ensino fundamental, presente em cada uma das edições do PNLD analisadas. Pode-se observar a variedade de editoras:

Tabela 2: Número de coleções de cada editora presente nos PNLD.

Editora	PNLD 2008	PNLD 2011	PNLD 2017
Editora Ática	4	3	1
Editora do Brasil			1
Editora FTD	1	4	2
Editora IBEP			1
Editora Leya			1
Editora Moderna	2	2	2
Editora Positivo	2		2

¹² Disponível em: <http://www.moderna.com.br/institucional/editora-moderna/>. Acessado em 22/11/2016, as 20:40h.

¹³ Disponível em: <http://www.editorapositivo.com.br/editorapositivo/>. Acessado em 22/11/2016, as 21h.

¹⁴ Também não foi enviado pela distribuidora o livro *História para o nosso tempo*. O livro é de autoria de Flávio Beirutti, foi publicado pela Editora Positivo e está em sua primeira edição – 2015. O mesmo aconteceu com o livro *História nos Dias de Hoje*, de autoria de Flávio de Campos, Miriam Dolhinikoff, Regina Claro, foi publicado pela Editora Leya e está em sua segunda edição – 2015.

¹⁵ Disponível em: <http://www.editoraibep.com.br/ibep2010/default.asp>. Acessado em 01/01/2016, as 18h.

Editora Saraiva	2	3	3
Editora Scipione	1	3	1
Escala Editorial	1		
Quinteto Editorial	1		
Edições SM		1	
Total de coleções aprovadas	14	16	14

Fonte: Tabela feita pela autora com base nas três versões do PNLD, para a disciplina de História, ensino fundamental – 2008, 2011, 2017.

Desse modo, pode-se afirmar, concordando com Monteiro (2016), que há uma grande circulação de editoras, com a saída e entrada de novas editoras a cada ano do PNLD. No entanto, diferente da autora, percebe-se a necessidade de ressaltar que, apesar de haver um fluxo na mudança de editoras presentes, cinco editoras possuem o controle do mercado editorial, ao menos no caso das três últimas publicações do PNLDs para o ensino fundamental de História, pois controlam a maioria das coleções aprovadas no PNLD e vem se mantendo no programa nas últimas três versões – desde 2008.

Além disso, é possível reforçar as afirmações de Monteiro (2016) sobre a importância dos livros didáticos no mercado editorial brasileiro, para a autora “este mercado de Livros Didáticos é um mercado muito importante para as editoras brasileiras, que movimenta muito dinheiro” (MONTEIRO, 2016, p. 48), pois é possível perceber através das visitas aos sites das editoras que existe um grande investimento na produção de livros didáticos, bem como em sua divulgação. Pois todos os sites visitados possuem amplos catálogos de livros didáticos publicados e inúmeras propagandas para divulgação dessas matérias, sendo que na maioria dos casos existem indicações de que determinadas obras fazem parte do PNLD. Ou seja, o PNLD é um espaço de divulgação tanto para as obras aprovadas quanto para as editoras, além de representar ganhos significativos para as editoras que tem seus livros selecionados e distribuídos pelo país.

1.3. AUTORAS E AUTORES

Ao observar o Guia de Livros Didáticos do PNLD de 2017, percebe-se uma grande variação no número de autores e autoras em cada uma das coleções aprovadas. As coleções em sua maioria, são escritas ou organizadas por autores e/ou autoras individualmente, em duplas, em trios e uma das coleções em quarteto, conforme o quadro a baixo:

Tabela 3: Número de autores nos livros didáticos do PNLD 2017

Número de autoras/es	Quantidade de coleções
Apenas um	4
Duplas	6
Trios	3
Quarteto	1
Total	14

Fonte: Tabela feita pela autora com base no número de autores/as de cada coleção do PNLD 2017, para a disciplina de História do ensino fundamental – considerando mesmo os três livros que não foram analisados.

A respeito do sexo dos autores e autoras, no total, somam-se 14 autores e 15 autoras. Sendo que duas das coleções são de autoria de um único autor, tendo igualmente duas coleções de autoria de uma única autora. Enquanto duas das duplas são compostas apenas por autores, duas duplas também são compostas apenas por autoras e duas duplas são compostas por um autor e uma autora. No caso dos trios, não há nenhum trio composto exclusivamente por autoras, ou autores, todos os trios são mistos, compostos por autores e autoras simultaneamente. E o único quarteto é formado por duas autoras e dois autores.

Esses números demonstram que ao menos na versão do PNLD 2017, existe uma paridade entre o número de autores e autoras responsáveis pelas coleções aprovadas. Esse dado torna-se relevante se levarmos em conta que a subjetividade da escrita, tendo consciência de que todo conhecimento é produzido dentro de um contexto e, por tanto, indissociável da vivência de quem o produz. Ou seja, por possuírem diferentes experiências, homens e mulheres possuem diferentes formas de ver o mundo e os acontecimentos históricos. Desse modo, incluir mulheres na autoria das coleções, representa abrir espaço para uma nova forma de ver a história.

Nesse contexto, vale ressaltar, que por muito tempo as mulheres foram excluídas dos espaços de saber, não tendo a chance de escrever sua própria história. No caso da historiografia, as mulheres foram excluídas dos espaços de produção de conhecimento e também enquanto objetos de estudo. Ou seja:

É necessário pensarmos que tipo de saber foi construído ao longo da história, que se fez por meio de uma profunda exclusão, negando às mulheres a entrada nesses espaços de saber e de uma indiferença a qualquer produção e criação dessas mulheres (MENEZES apud MONTEIRO, 2016, p. 50),

No entanto, é importante destacar que ao apontar o sexo dos autores e autoras, o único objetivo era identificar se as mulheres estavam ou não participando do processo de elaboração das coleções, afinal as mulheres são parte central do objeto de análise deste trabalho. Cabe ressaltar, que apenas a paridade entre o número de autores e autoras na produção das coleções, não significa que a História representada nestas obras seja menos androcêntricas, machistas ou misóginas.

Quanto a formação e a titulação dos autores e autoras, 22 dentre os 29 autores e autoras possuem algum nível de formação na área da História: quatro deles/as são graduados em História (bacharelado ou licenciatura), três são especialistas em História, sete possuem mestrado na área e oito possuem doutorado.¹⁶

Também é possível observar, que nenhuma das coleções foi produzida sem que no mínimo, um de seus autores e autoras possuíssem algum nível de formação na área da História. Dentre os livros que foram analisados, é possível destacar por exemplo, coleções onde todos os autores e autoras possuíam doutorado em História, como é o caso da coleção *História.Doc*, escrita por Ronaldo Vainfas e Jorge Ferreira, que são doutores em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Sheila de Castro Faria e Daniela Buono Calainho, doutoras em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

A importância desses números é significativa, pois:

Muitos acham que ser um profissional de História é meramente narrar uma história. E, inclusive, isso era uma série de confusões entre o que são relatos memoriais, o que são pesquisas que podem até ter uma abordagem histórica, mas que estão longe de reunir aquelas qualidades ou aqueles atributos que consideramos fundamentais para a escrita da História pautada em regras que busquem uma cientificidade. (DILLMANN; NASCIMENTO, 2016, p. 113)

Ou seja, é preciso lembrar que escrever a história não é algo natural, representar processos históricos exige método, mesmo quando se trata de uma escrita didática, é importante a compreensão de que a História não se resume a contar história, ou narrar fatos. Trata-se de uma representação consistente de processos históricos a partir de fontes diversas.

¹⁶ Todas essas informações foram retiradas dos currículos da Plataforma Lattes de cada um dos autores, ou do site da própria editora.

2. PARÂMETROS DE ANÁLISE: IMAGEM E DISCURSO.

2.1. IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

As imagens são elementos de grande importância na composição dos livros didáticos, pois são elas que em um primeiro momento chamam a atenção das leitoras e dos leitores. No entanto, assim como os discursos expressos através de textos, as imagens também são construções, e por tanto não são neutras, são representações carregadas de intencionalidades. As imagens são aqui compreendidas, de acordo com Burk (2004), como testemunhas oculares, reconstruções do real que não são neutras. Mas carregadas de intencionalidade, e passam por um processo de seleção, onde fica registrado apenas aquilo que é selecionado.

Para pensar o conceito de representação, foram utilizadas principalmente as formulações conceituais de Roger Chartier e Sandra Jatahy Pesavento. Segundo Pesavento (2012), as representações são expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos. Representações

São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é a presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença. A representação é conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é da ordem do mimético ou da transparência. (PESAVENTO, 2012, p. 21)

Desse modo, para a autora, as representações são reconstruções feitas a partir do real, de modo que não são nem o real, nem uma cópia perfeita, mas estabelecem uma relação entre ausência e presença. A representação não é aquilo que está representado, mas guarda em si relações de semelhança e significado daquilo que representa, tornando possível atribuir sentido a realidade social ao mundo.

Além disso, conforme Pesavento (2012) e Chartier (1990), as representações são manifestadas através do discurso e por serem construções discursivas, as representações não são neutras, elas são produzidas no contexto social e por tanto em meio a inúmeras outras relações de poder. Segundo um dos autores as representações são permeadas pelas intenções de quem as produz:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário

relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 21).

Desse modo, faz sentido entender, não como a verdade sobre o real, mas como representações, tanto a narrativa histórica apresentada nos Livros Didáticos, como as imagens que o ilustram.

Roger Chartier relaciona as representações às identidades individuais e coletivas, para o autor essa conexão se dá em três segmentos:

Em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns 'representantes' (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p. 23)

Assim sendo, as representações possuem um papel central dentro das sociedades modernas, pois além de serem responsáveis pela compreensão do mundo social, as representações estão relacionadas à forma individual de cada indivíduo se perceber nesse mundo. Sendo assim, essa percepção pode ser desconstruída para que os indivíduos compreendam seu papel social no mundo, podendo servir na manutenção, ou na transformação da sociedade.

2.2. ANÁLISE DAS IMAGENS

É possível perceber nos últimos anos, um crescente aumento no número de imagens inclusas nos livros didáticos. Para Costa (2006) isso se deve a alguns fatores: como a importância das imagens, independente de sua tipologia no processo de ensino aprendizagem. Primeiro porque as alunas e alunos podem visualizar cenas dos períodos históricos de modo mais concreto e também porque as imagens podem ser utilizadas como um elemento de problematização. Outro fator importante, no caso do período mais recente da História, é o grande número de imagens produzidas sobre os acontecimentos desse período em questão, e a intensificação na utilização das imagens como fontes históricas.

Além disso, o autor pontua a vasta demanda ofertada no grande mercado editorial dos livros didáticos, pois devido à concorrência, os livros precisam ser atrativos e conseguir chamar a atenção para serem competitivos em um mercado que movimenta muitos recursos financeiros. Costa (2009) percebeu, ao analisar livros didáticos, que o mercado editorial privilegia o uso de imagens na produção de livros didáticos também por se tratar de uma demanda da própria sociedade contemporânea que está imersa de cultura visual.

Para o historiador Peter Burke, “as imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunha ocular.” (BURKE, 2004, p. 17) Partindo da compreensão de que as imagens são representações do mundo real, e estão inseridas nos livros didáticos, auxiliando na construção de alunos e alunas de sua compreensão do mundo social em que estão inseridos, há uma grande parcela de importância na construção do entendimento desses indivíduos do seu papel social, podendo servir, como já dito anteriormente, na manutenção, ou na transformação da sociedade. Desse modo, é possível perceber que as imagens possuem um importante papel nessas obras e na formação desses alunos e alunas.

Por tanto, ao analisar imagens, é preciso entender que as imagens são representações e conseqüentemente não existe neutralidade. Para Mauad (2005), é preciso conhecer o contexto em que a imagem foi produzida, tentar entender como e para que tal imagem foi produzida. Ou seja, é necessário fazer uso do princípio da intertextualidade¹⁷, no qual:

Uma fotografia para ser interpretada como texto (suporte de relações sociais), demanda o conhecimento de outros textos que a precedem ou que com ela concorrem para a produção da textualidade de uma época. Sendo assim, o uso de fotografias como fonte histórica obriga tanto as instituições de guarda quanto os historiadores ao levantamento da cultura histórica, que institui os códigos de representação homologadores das imagens fotográficas no processo continuado de produção de sentido social. (MAUAD, 2005, p. 140)

¹⁷ A autora faz uso do princípio da intertextualidade ao trabalhar com fotografias, no entanto, como aqui todos os tipos de imagens (fotografia, pintura, desenho, charges, etc.) foram consideradas como sendo representações, o uso do princípio da intertextualidade será utilizado em todos os tipos de imagem, não apenas fotografia.

Para interpretar imagens é preciso por tanto, decifrá-la como um texto que nos conta algo imersa em relações de poder, mas que pode ajudar na compreensão da sociedade que a mesma retrata, e também da sociedade que a produziu.

Nos livros didáticos analisados, as imagens em sua maioria são grandes pinturas conhecidas mundialmente, fotografias e charges, sempre muito coloridas. É possível perceber, que apesar de estarem acompanhadas de legendas, a maioria das imagens são meramente ilustrativas. Servindo apenas para reafirmar o que as autoras e autores expõem nos textos, não possuindo um caráter problematizador.

As imagens das coleções aqui analisadas foram primeiramente classificadas de modo semelhante ao empregado por Monteiro (2016), onde as imagens foram localizadas e fichadas, a partir de então classificadas em três categorias: um – imagens de mulheres, dois – imagens de homens e três – imagens mistas. A autora utilizou este método para analisar os três livros didáticos mais vendidos no PNLD 2016 de História do ensino médio, no entanto, nessa pesquisa, o método foi adaptado para analisar apenas o capítulo referente à ditadura militar brasileira, em cada um dos livros didáticos do PNLD 2017 de História do ensino fundamental.

Esse tipo de classificação foi escolhido para este trabalho, principalmente por conseguir demonstrar quantitativamente a disparidade entre o número de vezes em que mulheres e homens são representados em imagens nos livros didáticos. Pois essa disparidade demonstra quem são os sujeitos privilegiados pela história contida nos livros didáticos. Além disso, a partir da classificação que distingue as imagens, é possível analisar as imagens que representam de fato mulheres.

De acordo com a classificação utilizada por Monteiro (2016) e adaptada para este trabalho, as imagens não são divididas por sua tipologia, ou seja, não é considerado de modo diferenciado fotografias, desenhos, pinturas e charges. A divisão é feita a partir do conteúdo das imagens, sendo que a categoria um – imagens de mulheres representa todas as imagens que contenham exclusivamente mulheres, independente da tipologia. Ou seja, fotografias, desenhos, pinturas e charges de uma ou mais mulheres. Também são consideradas nessa categoria, imagens em que o foco é exclusivamente uma ou mais mulheres em meio a multidões ou figuras masculinas, mas em que estas multidões ou estas figuras masculinas encontram-se desfocadas, evidenciando que o objetivo central da imagem é representar exclusivamente mulheres.

Na categoria dois – imagens de homens foram enquadradas imagens de todas as tipologias (fotografias, desenhos, pinturas, ou charges) em que aparecem apenas

homens, de modo semelhante aos critérios utilizados na seleção das imagens da categoria um. Ou seja, foram consideradas todas as imagens onde aparecem apenas um ou mais homens, e também aquelas imagens onde aparece um homem em meio a uma multidão, sendo que as figuras ao redor da figura principal (masculina) ficam desfocadas, evidenciando que o personagem principal da imagem é o homem.

Na categoria três – imagens mistas, são consideradas todas as imagens onde existem homens e mulheres juntos, sendo que ambos podem ser vistos e identificados, não havendo na imagem o destaque nem para figuras masculinas, nem para figuras femininas, independente da legenda. Também foram consideradas nessa categoria, as imagens de multidões, onde existem homens e mulheres e suas silhuetas podem ser distinguidas. Por exemplo, imagens aéreas de manifestações, protestos, e etc.

Nessa classificação não foram consideradas as imagens onde não há representação de pessoas, por exemplo, as imagens de paisagens, as imagens urbanas de prédios, casas e praças, imagens de construções como hidrelétricas, aeroportos, etc. Essas imagens foram deixadas de lado e não entraram em nenhuma das categorias de classificação.

2.3. AUTORES, AUTORAS E IMAGENS: DADOS QUANTIFICADOS.

A maior parte dos livros analisados não apresentou no capítulo analisado nenhuma imagem da categoria um – imagens de mulheres, ao passo que apresentou inúmeras imagens contendo exclusivamente homens e que se encaixaram na categoria dois – imagens de homens, conforme é possível observar no quadro a baixo:

Tabela 4: Número de imagens em cada classificação

Categorias		Número
1	Imagens de Mulheres	8
2	Imagens de Homens	104
3	Imagens Mistas	106
Total de imagens		218 ¹⁸

Fonte: Tabela feita pela autora com base no número de imagens identificadas e classificadas pela autora em todas as coleções analisadas dentre as aprovadas no Guia PNLD 2017.

¹⁸ Neste total não foram consideradas as imagens que não possuíam pessoas e que ficaram de fora dos parâmetros de classificação

Além da disparidade entre o número de imagens da categoria um e dois, as poucas imagens que representam apenas mulheres se encontram restritas em poucas coleções. Apenas seis livros analisados apresentaram imagens de mulheres e em nenhum dos casos a quantidade de imagens de mulheres é comparável a quantidade de imagens de homens. Como é possível perceber observando o quadro a seguir:

Tabela 5: Número de imagens por classificação em cada livro didático.

	1 – Imagens de Mulheres	2 – Imagens de Homens	3 – Imagens Mistas	Total de imagens por capítulo
Historiar		6	5	11
Projeto Mosaico – História	1	14	11	26
Vontade de Saber – História		12	14	26
Projeto Araribá – História	1	15	15	31
Estudar História: das origens do homem à era digital	1	11	12	24
Projeto Teláris – História	2	2	10	14
Projeto Apoema – História		5	8	14
História.Doc	2	8	6	16
Piatã		7	5	12
História, Sociedade e Cidadania		17	10	27
Integralis – História	1	6	6	13

Fonte:Tabela feita pela autora com base no número de imagens de acordo com a classificação em cada capítulo analisado nas coleções aprovadas no Guia PNLD 2017.

Através destes dados, é possível perceber, que mesmo nos capítulos que possuem imagens de mulheres, esse número não é equiparável a quantidades de imagens de homens, ou as imagens mistas. Na verdade, o número de imagens de mulheres é praticamente irrisório quando pensado em relação ao total de imagens em cada capítulo.

Por exemplo, no caso do livro da coleção *História Sociedade e Cidadania*, escrito por Alfredo Boulos Júnior, o livro com o segundo maior número de imagens no capítulo analisado, totalizando 27 imagens, nenhuma imagem contendo

exclusivamente mulheres foi encontrada, enquanto mais da metade do número de imagens representa exclusivamente figuras de homens.

O livro com maior número de imagens pertence à coleção *Projeto Araribá-História*. Das 31 imagens existentes ao todo no capítulo, apenas uma se enquadra na categoria um – apenas mulheres; enquanto 15 imagens pertencem a categoria dois – apenas homens e a 10 imagens a categoria três – imagens mistas.

O livro *Projeto Teláris – História* possui duas imagens de mulheres, mas diferente dos casos anteriormente analisados, neste livro o número de imagens exclusivamente de homens é o mesmo que o número de imagens exclusivamente de mulheres, sendo menor apenas que o número de imagens mistas, (10 imagens).

Dentre os dois livros com o terceiro maior número total de imagens – 26 imagens em cada livro – apenas um deles possui uma única imagem que contém apenas mulheres, o livro da coleção *Projeto Mosaico – História*. Quanto ao livro *Vontade De Saber – História*, que possui o mesmo número de imagens, não existe nenhuma imagem categoria um – imagens de mulheres.

Uma observação interessante, é que dentre todos os livros que contém imagens da categoria um – imagens de mulheres, apenas o livro da coleção *Projeto Mosaico – História* não possuía mulheres entre o seus autores – Claudio Vicentino e Jose Bruno Vicentino. Os livros *Projeto Araribá – História* e *Estudar História: das origens do homem à era digital*, que possuem cada um uma imagem enquadrada na categoria um – imagens de mulheres foram escritos por apenas uma autora, Maria Raquel Apolinário e Patrícia Ramos Braick respectivamente. Os outros quatro livros, que também possuem imagens de mulheres, foram escritos pelo mesmo número de autores homens e autoras mulheres.

Dos livros que não possuem imagens na categoria imagens de mulheres, dois foram escritos apenas por homens, *Historiar* e *História, Sociedade e Cidadania*; o livro *Vontade de Saber – História* foi escrito por um trio composto por um homem e duas mulheres; e o livro *Piatã* foi escrito apenas por mulheres – Vanise Maria Ribeiro e Carla Maria Junho Anastasia.

Ou seja, coincidentemente ou não, a maioria dos livros que possui um número similar de autores e autoras, possui também imagens que representam apenas mulheres. No próximo capítulo veremos como essas imagens representam essas mulheres.

3. ANÁLISE DOS CAPÍTULOS SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA NAS COLEÇÕES QUE CONTÉM IMAGENS COM REPRESENTAÇÕES EXCLUSIVAMENTE DE MULHERES

3.1. COLEÇÃO HISTÓRIA DOC.

Conforme é possível observar a partir do quadro 5, a coleção *História.doc* é a que possui o maior número de imagens que se enquadram na categoria imagens de mulheres, conforme já descrito anteriormente.

Neste livro, o capítulo analisado, escolhido a partir do recorte temporal aqui proposto, foi o capítulo 15 e intitula-se *A ditadura militar brasileira*, sendo o único capítulo destinado a abordar o período no Brasil. O capítulo possui ao todo 17 páginas – iniciando-se na página 276 e se estendendo até a página 293, sendo que duas páginas são dedicadas a atividades. As atividades conforme é possível observar na coleção e segundo as indicações do Guia do PNLD 2017, são apresentadas em uma sessão separada, nas últimas páginas, chamada de *Roteiros de Estudos*. O conteúdo é exposto nas páginas que antecedem as atividades, possuindo além dos textos principais, as sessões e *boxes*: *Outras histórias*; *Documento*; *A História não está sozinha*; *Ao mesmo tempo*; *O seu lugar na História*; *Você já ouviu falar...*; *Cá entre nós*; *Fique de olho*; *Cronologia e glossário*.

Também segundo o Guia, a coleção em todos os seus volumes, inclusive o aqui analisado, apresenta uma perspectiva linear da cronologia da História, mesclando a História europeia, brasileira e africana, tendo como foco principal intercalar as análises em uma escala generalizada a microanálises.

A estrutura da coleção orienta-se pela perspectiva cronológica linear, integrando os conteúdos da História europeia, americana, africana e do Brasil. (...) O foco da obra é o investimento em uma narrativa que alterna escalas de microanálise com contextos mais abrangentes da História. Decorre dessa estratégia a opção metodológica de apresentar um personagem ou enredo particular em diálogo com o contexto mais amplo abordado no capítulo. (GUIA PNLD 2017, 2016, p. 94)

As duas imagens contidas no livro *História.Doc*, são uma foto da estilista Zuzu Angel (figura 1), acompanhada da legenda “Zuzu Angel em seu ateliê no bairro Ipanema nos anos de 1970” (VAINFAS et. al., 2015, p. 283) e uma imagem representando uma mulher desconhecida (figura 2), com a legenda “Em dezembro de 1970, mulher lava roupa em frente a sua moradia, um barraco construído na periferia da

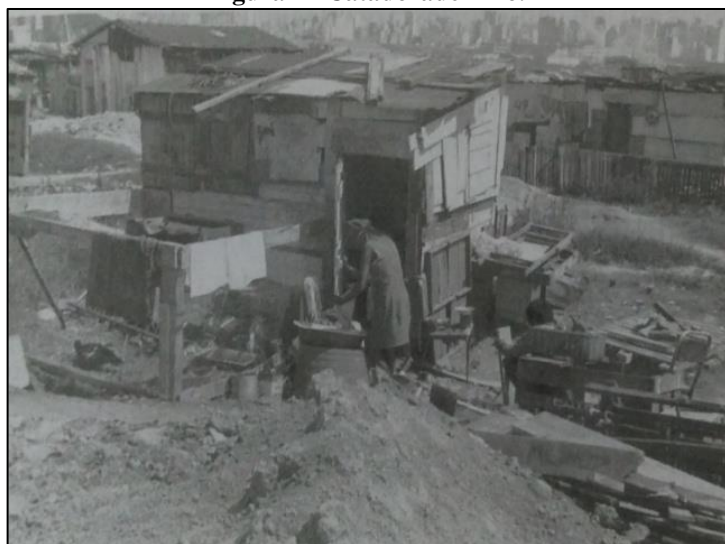
cidade de São Paulo” (VAINFAS et. at., 2015, p. 283). As duas imagens aparecem de forma ilustrativa para os textos em que estão inseridas.

Figura 1: Zuzu Angel



Fonte: VAINFAS et. al., 2015, p.277.

Figura 2– Catadorade Lixo.



Fonte: VAINFAS et. al., 2015, p.283.

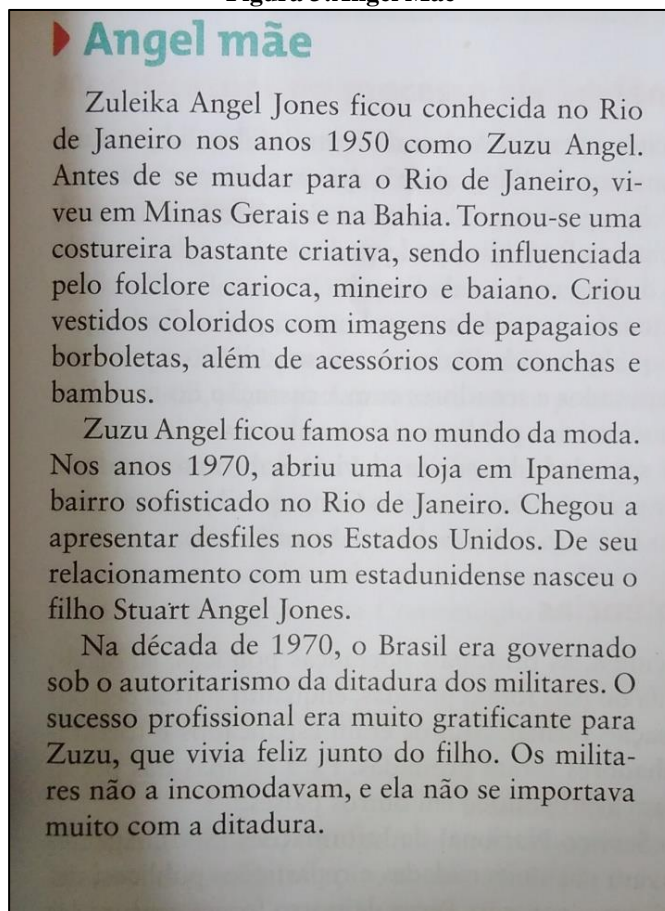
Nas análises das imagens, foi possível perceber que ao menos uma delas se enquadra na afirmação acima sobre a abordagem histórica utilizada na obra, pois na abordagem microanalítica, alguns enredos e/ou personagens são trazidos em diálogo com o conteúdo, bem como está incluída a personagem Zuzu Angel (figura 1), uma

importante personagem mulher na resistência contra a ditadura, que é trazida no livro didático em diálogo com o conteúdo do capítulo, que é o período da ditadura militar.

As duas imagens reforçam a ideia que predominou por mais de um século sobre a importância das imagens nos livros didáticos. Segundo a qual, o principal papel das imagens nestes livros, é o de ilustrar e reforçar aquilo que os textos afirmam, de modo que, “Ver as cenas históricas” era o objetivo fundamental que justificava, ou ainda justifica, a inclusão de imagens nos livros didáticos em maior número possível” (BITTENCOURT, 2010, p. 75). Com esse objetivo, como foi possível observar no livro *História DOC*, que as imagens não oferecem novas informações. Por isso, para Circe Bittencourt devemos analisar as imagens nos livros didáticos questionando se esse objetivo de ver as cenas históricas para facilitar a memorização do período estudado, ainda é predominante nas obras didáticas até os dias atuais.

Reforçando o objetivo de “ver as cenas históricas”, a imagem de Zuzu Angel aparece ilustrando um texto intitulado *Angel Mãe* (figura 3):

Figura 3:Angel Mãe



Fonte: VAINFAS et. al., 2015, p.277

O texto é composto por três parágrafos, onde o autor se limita a descrever a trajetória profissional de Zuzu Angel, dando algumas informações sobre sua inspiração para a criação das estampas e dos vestidos que a consagraram no mundo da moda, sem detalhar a trajetória de Zuzu enquanto militante durante a ditadura. No último parágrafo o texto contém as seguintes informações:

Na década de 1970, o Brasil era governado sob o autoritarismo da ditadura dos militares. O sucesso profissional era muito gratificante para Zuzu, que vivia feliz junto do seu filho. Os militares não a incomodavam e ela não se importava muito com a ditadura. (VAINFAS et. al., 2015, p.277)

É possível observar que o texto acaba reforçando, desde o título até seu último parágrafo, o estereótipo da mulher como alguém que precisa equilibrar a vida profissional e a vida pessoal, dando destaque a Zuzu Angel enquanto estilista e também mãe. Também é evidente que existe um corte no texto, pois o mesmo não retrata a luta política vivenciada por Zuzu Angel após o assassinato de seu único filho por militares. Desse modo, é possível observar que o texto por si só, não apresenta nenhuma reflexão nem sobre Zuzu Angel, nem sobre o período militar.

A imagem de Zuzu Angel (figura 1), que ilustra e reforça o texto de modo fiel, sem nenhuma problematização, apresenta apenas uma mulher, vestida de modo elegante e recatado, utilizando alguns acessórios, bem como esperado de uma mulher ligada ao mundo da moda na década de 1970. No entanto, a imagem por si mesma não problematiza a figura de Zuzu Angel e sua atuação política através da moda, sendo que, como afirma Silva (2006), a estilista utilizou todas as estratégias que estavam ao seu alcance na busca pelo corpo de seu filho e para denunciar os crimes cometidos pela Ditadura, inaugurando no Brasil a moda política:

[...] com o desaparecimento e assassinato do filho, ficou clara mudança na metodologia empregada pela *designer*. Nesse momento de confronto com a realidade cruel, e tendo que driblar a censura, ela inaugurou a moda política. Zuzu, que até então parecia caminhar em total consonância com a estrutura social, pois produzia para a elite, viu-se obrigada a tomar uma posição contrária à ideologia da classe dominante. Sua coleção refletiu sobre o momento político brasileiro e apresentou um repertório cujo significado aparente era de uma moda “inocente”, mas que, analisada levando em consideração sua inserção no contexto e a situação por ela vivenciada, é entendida como denúncia ou protesto. Nesse momento, seu engajamento político fica explícito. (ANDRADE, 2009, p. 115)

As informações a respeito da luta de Zuzu Angel contra a ditadura militar, aparecem apenas oito páginas após o primeiro texto e a imagem. As informações estão

inclusas em um subtítulo – *Uma mãe contra a ditadura* do texto intitulado *Anos de chumbo*. O texto conta as circunstâncias da morte do filho de Zuzu Angel e relata o despertar de Zuzu para a ditadura militar, afirmando que “nesse momento ela percebeu o que era a ditadura militar” (VAINFAS, et. al., 2015, p.285). No entanto, o texto descreve então a revolta da estilista e o reflexo disso em sua obra, sem se aprofundar no “o que era a ditadura militar”. É interessante observar, que nesse ponto, ao lado do texto aparece a imagem de Carlos Mariguella, novamente apenas ilustrando o período abordado no texto, os anos de chumbo e a intensificação da repressão militar.

Além disso, como indica Bittencourt (2010), é comum que, nos livros didáticos as imagens venham sempre acompanhadas de legendas explicativas, que apenas descrevem as imagens e acabam indicando o que deve ser observado pelos leitores, limitando ainda mais a problematização das imagens. Essa também é uma característica presente na obra *História.DOC*, pois no caso da imagem de Zuzu que aparece no início do capítulo (figura 1), segundo a legenda, trata-se apenas de uma designer de moda em seu atelier, ou nas palavras do autor: “Zuzu Angel em seu ateliê no bairro Ipanema nos anos 1970” (VAINFAS et. al. 2015, p. 277).

Desse modo, de imediato já é possível observar que, ao menos no caso das imagens onde são representadas exclusivamente figuras de mulheres, o livro *História.Doc* apresenta uma inconsistência com sua apresentação no Guia PNLD 2017, segundo o qual, o livro apresenta possibilidades de analisar documentos e imagens de forma problematizadora, afirmando que nos livros da coleção “Há proposição de analisar documentos e/ou imagens problematizando as permanências históricas na atualidade e relacionando com as experiências dos estudantes.” (GUIA PNLD 2017, 2016, p. 94).

3.2. PROJETO ARARIBÁ – HISTÓRIA

Na coleção *Projeto Araribá – História*, foram analisadas as páginas 208 a 235, pertencentes à unidade oito, que se subdivide em três temas. *Os governos democráticos*, *O fim das liberdades democráticas* e *Protestos e cultura no regime militar*. Segundo consta no Guia PNLD 2017 essa divisão deve-se a coleção ser caracterizada por uma divisão temática, embora sem fugir de uma cronologia linear. Cabe lembrar, conforme mencionado anteriormente, que o livro da coleção foi organizado por uma única autora,

Maria Raquel Apolinário, licenciada e bacharel em História pela Universidade de São Paulo (USP).

O livro possui sua estrutura um pouco diferente dos demais. Ao invés de se dividir em capítulos, o livro se divide em unidades, que se subdividem em temas. No caso do período histórico proposto para essa análise, que compreende a ditadura militar brasileira, vigente entre 1964 e 1985, não existe uma unidade específica. A unidade aqui analisada não é limitada ao período, mas se inicia com estudos voltados ao governo de Juscelino Kubitschek, em 1956 e se estende até o governo de José Sarney, em 1988.

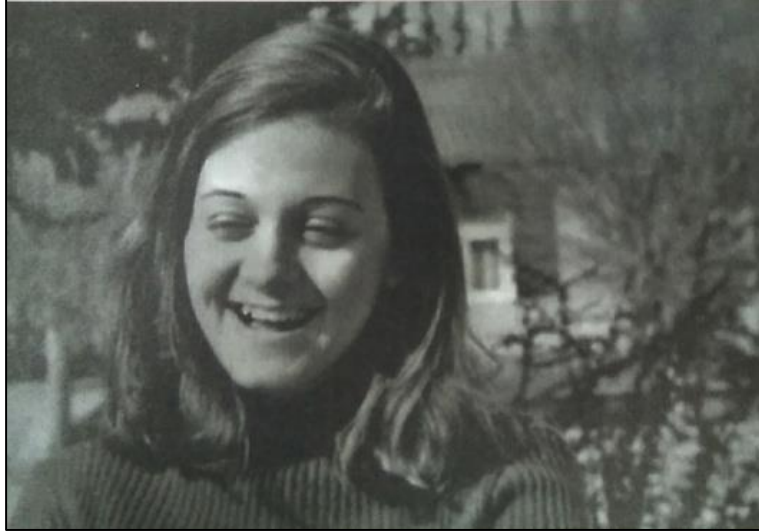
O livro também se organiza em várias sessões textuais, que se organizam paralelamente a um texto principal, além de vários boxes ao longo do texto.

A única imagem no capítulo que possui apenas mulheres, trata-se de uma fotografia da estudante Ana Tereza Diego (imagem 4), sequestrada e assassinada por agentes da ditadura argentina em 1976. Essa imagem, por tanto escapa a delimitação espacial dos parâmetros de análises aqui proposto, cujo objetivo é analisar a representação de mulheres durante a ditadura militar no Brasil. Por isso as reflexões dedicadas a ela foram menos profundas.

A imagem encontra-se em uma das sessões paralelas ao texto principal, que se denomina *Em foco*. O título da sessão é *Ditaduras na Argentina e no Chile*, que ao longo de quatro páginas reúne informações das ditaduras ocorridas nesses países praticamente no mesmo período que no Brasil.

É possível observar novamente as mesmas características presentes no livro didático *História.doc*. A imagem de Ana Diego acompanha o texto, estudante de astronomia sequestrada e assassinada pela ditadura de seu país, escrito nos moldes de uma notícia jornalística, apenas noticiando eventos posteriores a morte de Ana Diego, intitulado *Um asteroide chamado 'Anadiego'*. No qual a história de Ana é contada a partir da homenagem que lhe foi feita: primeira vez o nome de uma/um desaparecida/o política/o da América Latina foi atribuído a um asteroide.

Figura 4: Foto de Ana Diego.



Fonte: APOLINÁRIO, 2014, p. 234.

A imagem representa apenas uma jovem sorridente em um momento corriqueiro, talvez buscando evidenciar a beleza e juventude de Ana Diego, a fim de despertar nos leitores e nas leitoras o sentimento de piedade e empatia. No entanto, a imagem por si só não possui elementos a serem problematizados. Serve apenas para ilustrar o texto, não sendo possível ver nem ao menos o cenário em que a fotografia foi registrada.

Quanto ao texto, fica evidente que seu objetivo não é abordar a militância, mas demarcar que houveram atrocidades cometidas pelo regime militar argentino. Para isso, Ana Diego é tomada como exemplo, como é possível observar na seguinte afirmação presente ao final do texto “Ana Tereza é apenas uma entre os cerca de 30 mil mortos pela ditadura argentina entre 1976 e 1983” (APOLINÁRIO, 2015, p. 234).

Apesar da importância de abordar a violência utilizada nas ditaduras militares do cone sul, no que diz respeito à representação das mulheres, fica evidente, que tanto na imagem, quanto no texto em questão, este não é um ponto importante para a autora da coleção. Pois em nenhum momento a participação de Ana Diego enquanto mulher e militante que lutava contra as atrocidades cometidas pela ditadura argentina, ou por um ideal é abordado, Ana Diego é representada como apenas mais uma, entre tantas outras pessoas, que morreram por conta da ditadura.

Outra questão interessante a ser observada nesta coleção, é que apesar de haver um tema recortado especificamente para abordar, conforme indicado pelo título, protestos e cultura na ditadura militar, intencionalmente ou não, nenhuma mulher militante ou artista é mencionada. São lembrados nomes como Chico Buarque e Geraldo Vandré, ao passo que são esquecidas mulheres como Rita Lee, Elis Regina e

Nara Leão. Sabendo que por muito tempo as mulheres não foram vistas como sujeitos históricos pelos historiadores da chamada história tradicional, esse tipo de constatação demonstra que muitos elementos desse paradigma tradicional ainda estão presentes. Ao menos na adaptação da história acadêmica para a história das salas de aula.

Além disso, é importante lembrarmos que a história é um discurso e como tal, é o reflexo direto da própria sociedade que o constrói. O discurso atribui significado a sociedade e por isso é tão importante, pois “se ele não cria o mundo, apropria-se deste e lhe proporciona múltiplos significados” (JENKINS apud Rago, 1998, p.6). Os discursos construídos sobre a história e presentes nos livros didáticos, são por tanto, poderosos atribuidores de significados ao mundo. Desse modo, o título do tema três, *Protestos e cultura no regime militar*, reforça uma imagem conciliadora do que foi a ditadura militar brasileira, ao utilizar o termo regime, em detrimento da palavra ditadura. Diferente daquilo que apresenta no texto sobre Ana Diego, denunciando a dor e as mortes causadas pela ditadura argentina, o termo regime logo no título transmite uma ideia de algo temporário, com data para acabar e que se enquadra como algo constitucional.

3.3. PROJETO TELARIS – HISTÓRIA

A coleção *Projeto Teláris – História*, foi analisada entres as páginas 188 e 207, que compõem o capítulo sete, chamado *A ditadura civil militar brasileira*. O título do capítulo chamou a atenção por incorporar uma discussão recente na historiografia, destacando a participação civil na ditadura.

A coleção se divide em unidades que se iniciam com a seção *Ponto de Partida* e sempre terminam com a seção *Ponto de chegada*. Os capítulos são organizados dentro de cada unidade em um texto básico com muitas imagens, e duas seções de atividades fixas: *Esquema-resumo* e *Atividades* e os textos são intercalados por seções variadas, como: *Enquanto isso...*, *Raio X*, *Olho Vivo*, *Imagem condutora*, *Você sabia?*, *Passado presente*, *As palavras têm história* e *Conexões* que trazem textos paralelos, mas que dialogam com o texto principal.

Segundo a descrição do Guia PNDE 2017, o livro da coleção *Projeto Teláris – História*, é descrito praticamente da mesma forma como as outras duas coleções analisadas, sendo organizada a partir de uma perspectiva cronológica linear e integrando

eventos e processos históricos de locais geograficamente distintos. O guia destaca também que a coleção possui uma grande quantidade de *Box es* integrados, contendo inclusive indicações de livros e filmes para aprofundar as discussões. De acordo com o guia, na coleção:

Constam orientações que encaminham o processo de ensino e norteiam o trabalho de modo integrado com as seções, as atividades e os boxes, oferecendo sugestões variadas e significativas para o aprofundamento do trabalho. (GUIA PNL D 2017, 2016, p. 81)

No entanto, dentre tantas indicações, nenhuma envolve leituras, filmes ou documentários que evidenciem a atuação de mulheres no período da ditadura militar, independente do segmento de sua atuação.

A única imagem que representa apenas mulheres consiste em uma fotografia de Therezinha Zerbini (figura 5), líder do Movimento Feminino Pela Anistia, segurando um cartaz onde é possível ler as palavras, “Movimento” e “Anistia”, conforme é possível observar a baixo.

Figura 5: Terezinha Zerbini uma das líderes do Movimento pela Anistia



Fonte: AZEVEDO; SERICÓPI, 2016, p. 199.

A imagem aparece acompanhada pela legenda descritiva “Therezinha Zerbini (1928-2015), pioneira do Movimento Feminino Pela Anistia, em foto da década de

1970” (AZEVEDO; SERIACÓPI, 2016, p. 199) e está incorporando um texto intitulado *A campanha pela anistia*.

Novamente as mesmas características observadas nos livros anteriormente analisados se repetem, onde a imagem possui um caráter meramente ilustrativo.

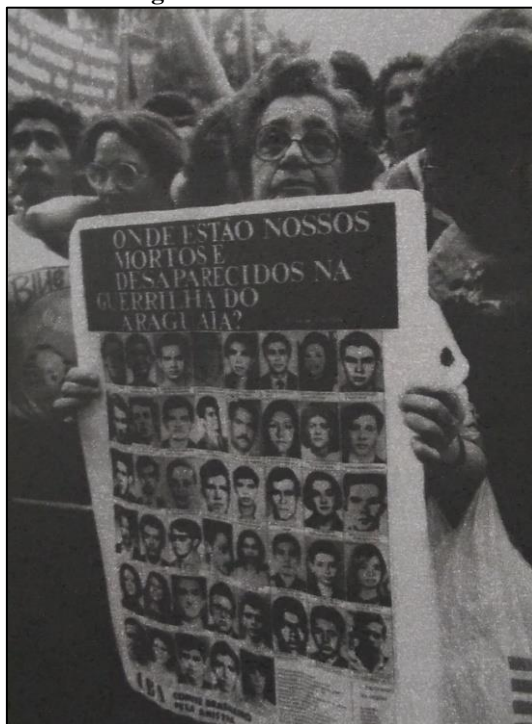
O texto que acompanha a imagem apresenta algumas informações relevantes, como a questão da anistia aos agentes da ditadura, responsáveis pelas torturas. No entanto, apenas menciona, mas não aprofunda nenhuma informação, nem a importância do Movimento Feminino Pela Anistia, nem a forma como a anistia se deu no país. O Movimento Feminino Pela Anistia é apenas citado e Terezinha apontada como sua líder. A forma como se deu a formação do movimento, ou sua atuação não ganharam espaço no texto.

Nem a imagem, nem a legenda que a acompanha transparecem a realidade em que o Movimento Feminino Pela Anistia surgiu e ganhou força, marcado pela censura e pela repressão aos movimentos sociais, o que segundo Ana Rita Fonteles Duarte, é uma das características mais significativas do movimento:

O MFPA foi fundado por Therezinha Godoy Zerbini, esposa de general atingido pela repressão do golpe militar de 1964, iniciado por dez mulheres de classe média, entre profissionais liberais, estudantes e intelectuais. O MFPA expande-se pelo país, com núcleos e atinge outras classes sociais. Sua importância não se deve tanto ao número de participantes, mas à repercussão do movimento de contestação em época em que manifestações eram estritamente proibidas. (DUARTE, 2009, p. 40)

Outra imagem, de acordo com o sistema de classificação proposta neste trabalho, classificada como imagem de mulheres apresenta Alzira Grabois com um cartaz em uma manifestação sobre os mortos e desaparecidos na Guerrilha do Araguaia. Apesar de conter outras pessoas na imagem, é evidente que a fotografia tem como objetivo destacar a figura de Alzira, deixando os demais elementos em segundo plano:

Figura 6: Alzira Gabrois.



Fonte: AZEVEDO; SERICÓPI, 2016, p. 195.

A imagem encontra-se em tamanho grande, no meio da página, imersa no texto principal, onde os/as autores/as discorrem sobre o endurecimento da ditadura a partir do AI-5 e da intensificação a perseguição dos grupos clandestinos a partir de 1968. No texto não são encontradas informações sobre a imagem, sua descrição limita-se as informações contidas na legenda, onde se pode ler:

Em foto de 1987, Alzira Grabois, mulher de Mauricio Grabois (1912-1973) exibe cartaz em que pergunta sobre os mortos e desaparecidos na guerrilha do Araguaia, na qual perdeu um dos filhos e o marido, um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil (PC do B) e um dos principais líderes comunistas do Brasil. (AZEVEDO; SERICÓPI, 2016, p. 195)

A legenda da imagem possibilita aos alunos e as alunas uma percepção do que estava acontecendo na imagem e das dificuldades e a dor a que os familiares dos/as militantes presos ou perseguidos pelos militares se encontravam. Também demonstrando, diferente dos materiais anteriormente analisados, que as mulheres se expunham a ação, saíam as ruas e protestavam. Talvez uma das imagens que mais objetive representar as mulheres na luta contra a ditadura militar e que mais apresente aos alunos e alunas elementos para refletir.

No entanto, o texto ao qual a imagem está relacionada, não aborda o que está acontecendo na imagem ou na manifestação que ali está representada. A questão dos

desaparecimentos e do sofrimento dos familiares também não aparece em nenhum outro espaço. Isso é uma questão recorrente em todos os livros, a situação dos familiares de presos políticos, mortos ou desaparecidos da ditadura não aparecem em nenhuma das coleções. Quando falam em familiares, geralmente as coleções abordam em sessões secundárias o caso das Mães de Maio, movimento que surgiu em 1976 na Argentina, sob a liderança de Azucena Villaflor, o movimento surgiu a partir da reunião de mães que tiveram seus filhos sequestrados¹⁹.

Apesar de haver uma forte ligação entre as duas imagens, Zerbini (figura 5) e Grabois (figura 6), pois a anistia plena que concedeu o perdão estatal também aos militares é, ainda hoje, um dos maiores empecilhos para as famílias que procuram seus filhos. Os textos não trazem nenhum tipo de reflexão sobre isso. Além disso, a questão dos desaparecidos é tratada como algo resolvido:

A reivindicação das famílias pela abertura dos arquivos esbarra na concepção de “Segredo de Estado”, sendo ignoradas as dimensões dos efeitos traumáticos que o “não-dito” representa na história familiar dos atingidos. A censura dos meios de comunicação da época tornou o fato ilegítimo, irreal, não acontecido. Sem notícia, não há fato, Sem corpo, não há morte. Sendo assim, a vivência do luto torna-se impossível. (CARNEIRO; SILVA, 2012, p. 67)

Apesar de não se aprofundar na questão, é importante salientar que a discussão a respeito dos familiares de presos políticos brasileiros, bem como o Movimento Feminino pela Anistia, são temas que ficaram invisíveis as outras coleções e aparecem praticamente apenas no livro da coleção *Projeto Teláris - História*.

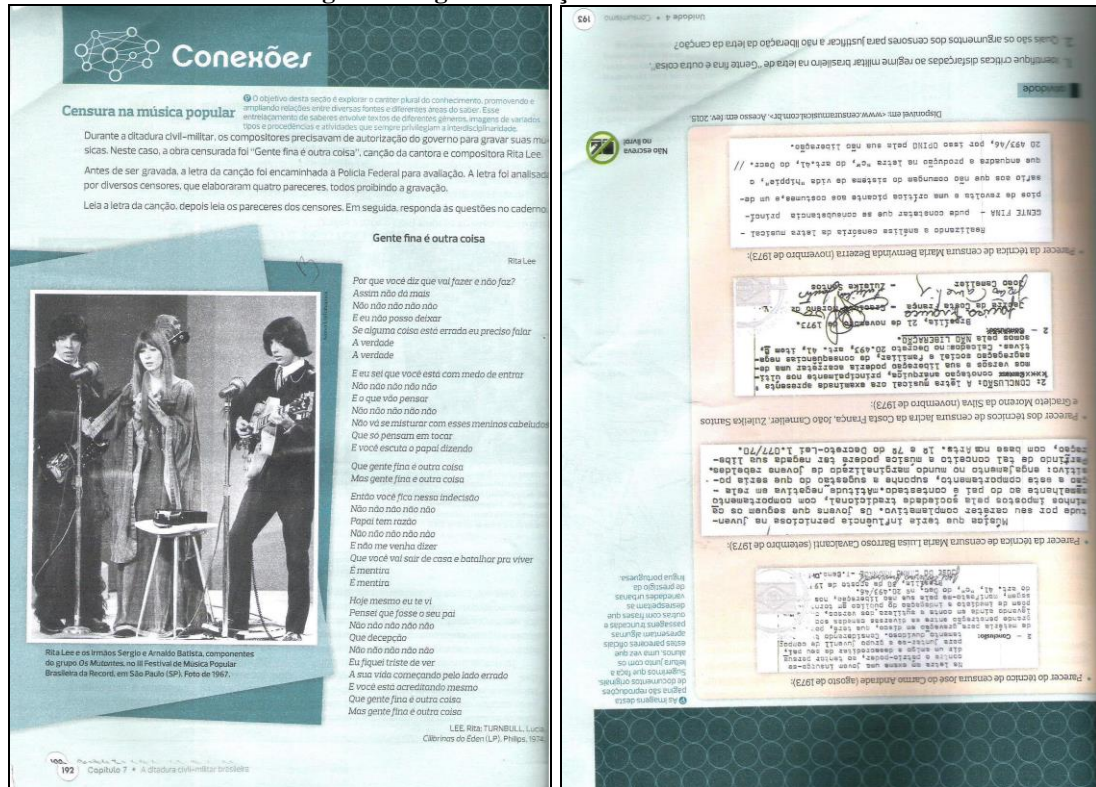
Diferente do que se percebeu nas outras coleções, na coleção *Projeto Teláris – História* as imagens que representam exclusivamente mulheres aparecem com a mesma frequência que as imagens que representam apenas figuras masculinas (duas vezes); tendo dez imagens onde são representadas figuras de ambos os sexos.

Outra observação interessante é que, diferente do que aconteceu no livro do *Projeto Araribá – História* ao abordar o cenário cultural da época, na coleção *Projeto Teláris – História* o autor e a autora o fazem em uma seção secundária a partir da música *Gente Fina* da cantora e compositora Rita Lee, contendo um texto, algumas imagens de documentos e uma fotografia da cantora Rita Lee junto com os integrantes

¹⁹ Sobre o movimento mãe da paca de maio ver DUARTE, Ana Rita Fontaneles. Nem loucas, nem santas. *Revista Estudos Feministas*, v.25, n. 3, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300019. Acessado em: 26/11/2016, as 15:14h.

do grupo Os mutantes – classificada na categoria de imagens mistas, contendo homens e mulheres, como é possível observar na imagem a baixo:

Figura 7: Páginas na seção conexões Rita Lee.



Fonte: AZEVEDO; SERICÓPI, 2016, p. 193.

Utilizando a letra da música e expondo pareceres de técnicos em censura sobre a mesma, a sessão evidência a presença de mulheres e as representa em segmentos distintos do período: na militância e ao lado da ditadura, pois dentre os técnicos citados, também é possível ler o nome de mulheres, o que é interessante, pois demonstra que as mulheres estão presentes tanto como contestadoras da ditadura, quanto como agentes do sistema.

3.4. ESTUDAR HISTÓRIA: DAS ORIGENS DO HOMEM À ERA DIGITAL

Segundo o Guia PNLD 2017, a coleção *Estudar História: das Origens do Homem a Era Digital* possui praticamente a mesma descrição dos demais quanto a cronologia e as fontes. Segundo o guia, a coleção,

Apresenta uma abordagem da História ancorada numa perspectiva temporal cronológica linear, privilegiando o viés político e social. A partir dessa escolha, procura contemplar diferentes narrativas para um mesmo acontecimento, recorrendo à variedade de fontes históricas e investindo na

conexão entre os conteúdos com questões do tempo presente; (PNLD 2016, p. 69)

Quanto a organização do livro, segundo o Guia

Os capítulos são iniciados por meio de textos, de imagens e de questões referentes ao tema que será tratado. Além da *Abertura*, os capítulos apresentam textos, mapas, fotografias, reproduções de pinturas, objetos da cultura material, gráficos, tabelas e quadros organizados em texto principal e seções não fixas, como *Explore*; *Saiba mais*; *Amplie seu conhecimento*; *Vale a pena assistir*; *Vale a pena ler*; *Glossário*; *Conversa com...* e *Atividades*. A seção *Atividades* é composta por duas seções fixas: *Compreender os conteúdos* e *Ampliar o aprendizado*. Ao final dos capítulos constam as seções especiais: *História feita com arte*; *investigar*; *Debater* e *Aluno cidadã*. (PNLD, 2016, p. 70)

No livro desta coleção, foi analisado o capítulo 11 que é intitulado *Os governos militares no Brasil* (das páginas 198 a 215) que, de modo semelhante a coleção *Projeto Araribá - História*, não caracteriza no título os “governos” militares como uma ditadura, suavizando a realidade política do período.

Apesar de escrito por uma única autora mulher – Patricia Ramos Braick, o livro possui apenas uma imagem que contém apenas mulheres, que retrata as mães e avós da Praça de Maio, e trata-se de uma foto recente, que não retrata o movimento no contexto dos anos de 1970, mas em 2014.

Figura 8: Mães e avós da Praça de Maio



Fonte: BRAICK, 2015, p. 213.

A imagem acompanha um texto chamado *Movimentos de resistências* que compõe a seção *Enquanto isso...* destinada a abordar a ditadura chilena e argentina.

Apesar de resumido, o texto possui informações interessantes, fazendo referência a cantora Mercedes Sosa e ao movimento das Mães da Praça de Maio, evidenciando que sua luta se iniciou durante a ditadura, mas continua viva até hoje. O texto traz também, um recorte do trabalho acadêmico de Ana Rita Fonteles Duarte.

A imagem também é bastante rica, evidenciando a presença feminina no movimento, e também a questão geracional, demonstrando mulheres de várias idades, sendo que algumas delas (aparentemente as mais velhas) utilizam lenços nos cabelos, um dos símbolos do movimento.

A imagem elucida a reflexão a respeito do sofrimento e dos traumas causados pela ditadura, a pessoas comuns em sua vida cotidiana, além de evidenciar que as consequências das ditaduras não findaram com as mesmas. Além disso, expões as mulheres como militantes atuantes, ao menos no período pós ditadura. Afinal a imagem, segundo a legenda disponível no livro é recente, datada de 2014.

Ao abordar a questão da cultura no período, a autora lembra nos textos de nomes consagrados como Nara Leão e Elis Regina, diferentemente do que se percebeu no livro da coleção *Projeto Araribá – História*. Além de mencionada no texto, Elis Regina é representada em uma foto ao lado de Jair Rodrigues; em uma imagem ao lado, temos uma foto de Chico Buarque. Cabe observar, que temos as imagens de dois homens e uma mulher, intencionalmente ou não, a única mulher presente nessas imagens encontra-se lado a lado a um homem

Figura 9: Elis Regina e Jair Rodrigues



Fonte: BRAICK, 2015, p. 211.

Além disso, conforme o Guia PNLD 2017 indica, a coleção é repleta de indicações de filmes e documentários, sendo que nenhum deles evidencia figuras femininas. O que não se deve à ausência de produções fílmicas, pois recentemente houve um crescimento na produção de filmes e documentários a esse respeito, dentre os quais é possível citar: *Que bom te ver viva*, dirigido por uma mulher, Lúcia Murat em 1989; *Zuzu Angel*, dirigido por Sergio Rezende e lançado em 2006; *A memória que me contam, também* de Lúcia Murat, lançado em 2013; *Em busca de Iara*, dirigido por Flavio Frederico e lançado em 2013; *Repare bem*, da cineasta portuguesa Maria de Medeiros, lançado em 2012; e *Atrás de portas fechadas* de Danielle Gaspar e Krishna Tavares, lançado em 2014.

3.5. INTEGRALIS – HISTÓRIA

No Guia PNLD 2017, a apresentação dos livros da coleção *Integralis – História* é bastante diferente dos demais. Segundo o Guia, os livros da coleção possuem uma abordagem integrada da História, relacionando história da Europa, História da África e História da América. Na prática, o livro analisado se organiza com a mesma divisão cronológica e espacial dos demais.

Segundo o Guia,

O ponto alto dessa obra é o trabalho de aproximação do aluno ao universo de produção do conhecimento histórico realizado, de forma especial, na articulação de seu texto principal com as subseções A máquina do tempo, Os personagens da história, Vida de detetive e A escrita da História. Para esse trabalho, contribui, ainda, o uso de fragmentos de textos historiográficos, relatos, biografias e mapas, sobretudo os dispostos nos boxes Testemunhos & relatos, Interações e Esquemas do mundo. (GUIA PNLD 2017, 2016, p.117)

No entanto, ao observarmos o capítulo aqui analisado, correspondente as páginas 248 a 263, intitulado *Ditadura outra vez*, esse destaque a questões ligadas aos direitos humanos não fica evidente, aparece ocasionalmente em charges, de modo bastante semelhante às outras coleções.

De modo geral, é possível constatar as mesmas características das demais coleções, quanto à função ilustrativa das imagens e as legendas descritivas, das obras didáticas analisadas anteriormente.

No caso da coleção *Integralis – História* existe uma única imagem que representa exclusivamente mulheres. A imagem aparece buscando evidenciar um evento específico. Trata-se de um cartaz da campanha pelo plebiscito sobre o regime de governo que deveria vigorar no Brasil, que aconteceu no país em 1961, quando a população votou na forma de governo que gostaria de ver implantado no Brasil, parlamentarismo ou presidencialismo (figura 10):

Figura 10: Campanha de presidencialismo.



Fonte: CERQUEIRA et. al., 2015, p. 25

A imagem aparece ilustrando o texto principal, que descreve o golpe militar no Brasil, e possui uma descrição clara a esse respeito: “Cartaz de campanha para o plebiscito sobre o regime de governo (parlamentarismo ou presidencialismo), 1963” (SANTIAGO et. al., 2015, p. 250). Observando a imagem, podemos concluir que se trata de uma defesa ao regime presidencialista que havia sido derrubado em 1961, isso porque, segundo o cartaz os eleitores deveriam dizer não a usurpação do voto. No caso pode se entender que esse voto seria o voto para primeiro ministro, que ocorre através de eleições indiretas.

Na época da produção do cartaz, é possível que representar uma mulher em um cartaz sobre política tenha possuído um grande significado, sendo um apelo as eleitoras. No entanto, no livro didático, analisado a imagem, encontra-se desconexa de qualquer relação com a representação das mulheres no período.

Além dessa imagem, a única outra menção a mulheres no capítulo é o nome de Nara Leão como um exemplo de artistas que contestaram o regime através da arte, mas nenhuma imagem sua aparece, apesar de aparecerem imagens de outros artistas – cantores e compositores – do sexo masculino.

3.6. PROJETO MOSAICO

O livro da coleção *Projeto Mosaico – Histórias* e organiza de modo semelhante a algumas das coleções anteriormente analisadas, de forma cronológica e linear. Quanto a sua descrição segundo o Guia PNLD 2017, a coleção expõe uma grande variedade de documentos, possui inúmeros *boxes* complementares, com destaque para as sessões *Conheça Mais*, *Fique Ligado* e as indicações procedimentais do *boxe Passo a passo*. Nesta coleção, foi analisado o capítulo *Brasil: da democracia a ditadura*, compreendido entre as páginas 196 e 217.

Segundo o Guia PNLD 2017, “em todos os volumes, a coleção apresenta um importante diferencial no tratamento da história das mulheres, entendidas como protagonistas de lutas e de processos históricos” (PNLD, 2016, p. 45). No entanto, no capítulo analisado esse diferencial não foi percebido como o guia descreve.

O livro possui apenas uma única imagem contendo apenas mulheres, localizada na sessão *Trabalhando com documentos*, ilustrando um fragmento de um artigo acadêmico que aborda a intervenção militar nas universidades. O enquadramento desta

imagem na categoria imagens que representam exclusivamente mulheres foi bastante contraditório, pois se trata de uma imagem de uma manifestação, na qual, segundo a descrição da legenda estavam presentes 10 mil professores.

Figura 11: Manifestação de professores



Fonte: VICENTINO; VICENTINO 2016, p. 214

Trata-se de uma fotografia, que como dito anteriormente, representa uma manifestação de professores e professoras. Apesar de a legenda, que segundo Bittencourt tem como finalidade indicar o que deve ser observado na imagem, indicar que se tratam apenas de professores, a imagem mostra claramente um grupo de mulheres, no qual não é possível identificar nenhuma silhueta masculina. Nesse caso, ao menos ao descrever a imagem, conforme é função da legenda, dever-se-ia utilizar a flexão de gênero, afinal “se há palavras adequadas para nomear cada pessoa, usar o masculino para nomear as mulheres é, no mínimo, ocultar a realidade” (FRANCO; CERVERA, 2006, p. 26). Desse modo, a imagem representa mulheres e não nomeá-las é o mesmo que torná-las invisíveis:

Quando se utiliza o masculino para nomear uma mulher ou um grupo de mulheres, seja involuntariamente ou por costume, estamos pelo menos tornando invisíveis as mulheres e no pior dos casos, estamos excluindo-as da representação simbólica e real da sociedade que a língua produz. (FRANCO; CERVERA, 2006, p. 26)

As discussões gramaticais a esse respeito são extensas, no entanto, atualmente pesquisadores da área já argumentam que a flexão de gênero se faz necessária pela inexistência de neutralidade de gênero entre os substantivos na língua portuguesa:

Não podemos argumentar a favor do uso do masculino como neutro ou genérico, Primeiro porque não existem substantivos neutros para as pessoas [...] E segundo, e mais importante, porque manter em uso qualquer forma irreal de representação do mundo, da vida cotidiana e das pessoas é, pelo menos, tendenciosa e prejudicial para o conjunto da sociedade, uma vez que constitui no imaginário coletivo ideias e imagens falsas do seu entorno. (FRANCO; CERVERA, 2006, p. 26)

A imagem por si só, representa mulheres enquanto sujeitos históricos que participaram da militância contra a ditadura militar, pois representa várias professoras em uma manifestação. No entanto, a legenda da imagem nega essa participação ao afirmar que “Em 1966, cerca de dez mil professores se reuniram em protesto em frente ao palácio dos Bandeirantes, na cidade de São Paulo” (VICENTINO; VICENTINO 2016, p. 214).

Além desta imagem, ao abordar a questão da cultura no regime militar, a única imagem a ilustrar o texto intitulado *A canção de protesto no Brasil* é uma fotografia de Elis Regina, que apesar de não figurar exclusivamente na foto, é destacada pela legenda: “Elis Regina se apresentando no 3º Festival de Música Popular Brasileira da TV Record. Foto de 1967” (VICENTINO; VICENTINO 2016, p. 208).

Outra imagem que apesar de não expor exclusivamente mulheres, destaca uma personagem feminina, encontra-se na sessão *Conheça mais*, esta sessão é única em todas as coleções, retratando a partir da música *Maria Maria* de Milton Nascimento e Fernando Brant a luta das mulheres durante a ditadura, em organizações de esquerda e no movimento feminista. No entanto, é importante observar, que a representação das mulheres se dá de forma a parte. Em uma sessão secundária e não incluída no texto principal, essa escolha demonstra que mesmo involuntariamente as mulheres ainda são relegadas a papéis secundários, e isso está diretamente ligado à existência do machismo e da misoginia existentes em nossa sociedade.

Esta imagem retrata Elza Lima Monnerat, que segundo Deusa Maria de Sousa foi uma das responsáveis pela reestruturação do Partido Comunista do Brasil, em 1962. Observe a seguir:


Figura 12: Elza Lima Monerat

CONHEÇA MAIS Se possível, apresente uma gravação da música para a classe.

A mulher brasileira vai à luta

*Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
[...]*

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. Maria, Maria. Disponível em: <www.miltonnascimento.com.br/site/letras.php>. Acesso em: 13 maio 2015.



Na imagem, Elza de Lima Monerat deixa a Casa de Detenção do Carandiru, na cidade de São Paulo, em agosto de 1979. Na ocasião, seis presos políticos foram anistiados pelo Superior Tribunal Militar. Porém, apenas Elza e outros dois presos políticos ganharam a liberdade imediata.

Essa canção de Milton Nascimento e Fernando Brant, lançada em 1978, faz referência às dificuldades cotidianas enfrentadas pelas mulheres brasileiras daquela época, e que começavam a ser discutidas pela sociedade.

Seus versos logo se tornaram uma espécie de hino para as feministas, que lutavam pela igualdade de direitos e combatiam uma série de injustiças que recaíam sobre as mulheres, como a falta de liberdade sobre o próprio corpo, a cultura de submissão aos homens e a reclusão a trabalhos e atividades considerados “femininos”, como a educação dos filhos, questões já bastante debatidas na Europa e nos Estados Unidos.

Sob a ditadura militar, muitas mulheres, principalmente dos setores médios da sociedade, passaram a militar em partidos políticos, engajando-se na luta armada contra o regime. Muitas foram presas e torturadas, algumas até a morte.

206

Fonte: VICENTINO; VICENTINO 2016, p. 206.

A música escolhida apresenta inúmeras possibilidades de discussão, deixando de lado a censura – discutida pela autora do texto nas páginas seguintes – pode-se discutir os costumes da época e como eles se diferenciavam para homens e mulheres, a situação política de modo geral, até mesmo questões de gênero a partir de aberturas como “quem trás no corpo uma marca” e da segunda onda do movimento feminista que segundo Pedro (2006) tem as origens do seu ressurgimento no Brasil na década de 1970. Essas questões são apenas mencionadas no pequeno texto, sem que nenhuma das questões seja aprofundada.

Outra lacuna é a identidade da personagem presente na imagem, pois em nenhum lugar no texto e também no decorrer do capítulo se encontra informações sobre Elza Lima Monnerat e sua atuação durante a ditadura militar. Posteriormente, fala-se

sobre a Guerrilha do Araguaia, no entanto a conexão se limita a menção de que os militantes enviados para a região do Araguaia para treinar a luta de guerrilha eram ligados ao PC do B, Elza e sua conexão com o partido são deixadas de lado apesar de a imagem ter aparecido nas páginas anteriores.

Ou seja, é possível constatar que apesar de o Guia PNLD 2017 afirmar que a coleção *Projeto Mosaico* “apresenta um importante diferencial no tratamento da história das mulheres, entendidas como protagonistas de lutas e de processos históricos” (GUIA PNLD 2017) esse protagonismo fica sempre em segundo plano e limitado a pequenas aparições, muitas vezes descontextualizadas, de modo que as mulheres ficam invisibilizadas na universalização dos sujeitos masculinos de forma androcêntrica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente é importante observar que nos livros didáticos ainda predomina a divisão cronológica tradicional de história, uma observação feita quase igualmente na descrição de todas as coleções aprovadas no Guia PNLD 2017.

Além disso, apesar da inclusão de questões sobre a história e a cultura africana e indígena, impostas por lei, a maioria dos livros didáticos ainda contém uma cronologia fortemente influenciada pela tradição eurocêntrica e norte – americanizada. Pois, apesar de a ditadura militar brasileira ser um período de extrema importância para a história nacional e trata-se de uma história recente onde muitas permanências ainda podem ser claramente observadas na sociedade atual, a maior parte dos livros didáticos resumiu o período a um único capítulo com uma média de 20 páginas. Dividindo-se entre textos, imagens e atividades, abordando todos os aspectos do período político, social, econômico e cultura. Sendo que o único livro em que havia mais de um capítulo destinado abordando a ditadura militar brasileira foi o livro da coleção *Projeto Araribá – História*. Em contra partida, existem inúmeros capítulos dedicados exclusivamente a história europeia ou dos Estados Unidos da América. Como resultado, se obtém uma grande simplificação da História Nacional.

A questão da visibilização da história das mulheres não aparece como sendo um tópico de avaliação do PNLD 2017, de modo que podemos concluir que para os avaliadores essa não é uma questão central.

A única coleção em que aparece na avaliação do Guia PNDE 2017 que há destaque para a questão da participação das mulheres, é a coleção *Projeto Mosaico*. No entanto, ao analisar o capítulo destinado a abordar a ditadura militar no Brasil, é possível observar que a questão das mulheres fica relegada a espaços secundários, onde lhe é atribuída uma importância minoritária em relação a outros personagens.

Nas avaliações feitas pelo PNLD das outras coleções, a valorização da história das mulheres não é mencionada, de modo que, pode-se deduzir que na própria avaliação das coleções feitas pelo PNLD se constatou que essa não era uma questão central na maioria das coleções.

Além disso, é uma característica geral, presente em todos os livros analisados, que as imagens não estão incluídas nos livros didáticos como um elemento de problematização. Elas servem apenas para ilustrar os textos e permitir aos alunos e alunas a visualização do momento estudado. Sendo que, muitas vezes, até mesmo na

relação imagem e texto se pode perceber a falta de correspondência entre ambos, como por exemplo, na imagem de Elza Lima Monerat (figura 11). Esse é um problema levantado por Bittencourt em suas pesquisas. Segundo a autora, essa característica predomina desde o início da produção de livros didáticos (BETTENCOURT, 2010, p. 95). Essa constatação foi generalizada, todas as coleções utilizam as imagens exclusivamente no intuito de ilustrar os textos.

Além disso, as mulheres nos livros didáticos analisados foram representadas sempre em espaços secundários, fora do texto principal e da cronologia de acontecimentos que é mais destacada, em *boxes* ou sessões. Desse modo, é possível afirmar que, apesar de estarem representadas nos livros didáticos, as mulheres são legadas a um papel secundário, retratadas como exceção à regra – que é a participação dos homens como sujeitos históricos. Sabendo que as representações são a significação do mundo social e sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam, podemos relacionar essa realidade com a sociedade atual, onde o machismo e a misoginia ainda são problemas enfrentados pelas mulheres cotidianamente.

Essa percepção pode ser embasada na contraposição entre o número de imagens que retratam homens e o número de imagens que retratam apenas mulheres: são 104 imagens apenas retratando homens, contra apenas nove retratando apenas mulheres. Mesmo quando o objetivo era retratar uma cantora que contestava o regime militar, como é o caso da fotografia de Elis Regina e Jair Rodrigues (figura 9). Esse mesmo exemplo pode ser observado em quase todas as demais coleções.

O androcêntrismo também é muito presente em todas as coleções, resumindo homens e mulheres a um sujeito universal que é masculino. Essa concepção é reforçada gramaticalmente, como é possível observar na imagem da manifestação de professores e professoras de 1966 em São Paulo (figura 10).

Um ponto interessante, é que essa História presente nos livros didáticos não é resultado de uma escrita exclusivamente masculina. Pois dentre todas as coleções, pode-se observar praticamente o mesmo número de autores homens e autoras mulheres. É possível constatar, no entanto, que apenas a inclusão de mulheres na produção dos livros didáticos das coleções não garante a inclusão das mulheres enquanto objeto de estudo nessas obras.

Os livros didáticos analisados reforçam a ideia de que a história se faz através de homens, pois em sua totalidade as mulheres são negligenciadas, não são mencionadas e quando são, aparecem em sessões secundárias ou *boxes*. Nas imagens, mesmo quando o

objetivo é representar mulheres, como é o caso de grandes cantoras que fizeram críticas sociais ao período da ditadura militar, elas são representadas ao lado de homens. Desse modo, nos livros didáticos ainda hoje “sua educação reflete os papéis que a sociedade espera que desempenhem. Nossa sociedade ensina ao homem, e não à mulher, que deve realizar, progredir, criar.” (GORNICK apud ROSEMBERG.et al. 2009, p. 493)

Desse modo, é preciso que façamos as seguintes perguntas: que educação estamos construindo nas salas de aula, tendo como principal instrumento pedagógico livros que negligenciam a participação de mulheres como sujeitos sociais e históricos transformadores? Quão longe estamos de práticas pedagógicas transformadoras, que desenvolvam a autonomia, a cidadania e a capacidade crítica? Quão longe estamos de construir uma educação e uma sociedade verdadeiramente democrática?

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres (FREIRE, 2000, p. 40).

Espera-se que a questão das mulheres, bem como questões relacionadas a gênero, ganhem espaço nas salas de aula e nos livros didáticos, pois conforme Tedeschi (2004), “por questões de ética e de rigor histórico, resulta errôneo ensinar história numa perspectiva parcial, fragmentada, ignorando a experiência coletiva de mais da metade da humanidade” (TEDESCHI, 2004, p. 194).

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Mariana Raquel (Ed.). Democracia e Ditadura no Brasil. In: MODERNA, Editora(Org.); APOLINÁRIO, Mariana Raquel (Ed.). **Projeto Araribá: História** 9º ano. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2014. p. 208-235.

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. Uma Ameaça Para a Terra: A Ditadura Civil Militar Brasileira. In: AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. **Projeto Teláris: 9º ano - Ensino Fundamental Anos Finais - História**. 2. ed. São Paulo: Editora Àtica, 2016. p. 188-205.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Livros Didáticos entre textos e imagens. In: _____(org). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. Movimentos Sociais: Passado e Presente: Regime Militar. In: BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História Sociedade & Cidadania: 9º ano**. 3. ed. São Paulo: Ftd, 2015. p. 225-251.

BRAICK, Patricia Ramos. O Brasil entre Duas Ditaduras. In: BRAICK, Patricia Ramos. **Estudar História: 9º ano: Das Origens do Homem à Era Digital**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015. p. 195-214.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: a escola dos Annales**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

_____. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. **A Escrita a história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p. 7-39.

_____. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004, p.17

COSTA, Warley da. **As imagens da escravidão nos livros didáticos de História do ensino fundamental: representações e identidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

COLTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. Brasil: da democracia a ditadura: Ditadura Militar. In: COLTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar: 9**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2015. p. 208-220.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1990.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **MEMÓRIAS EM DISPUTA E JOGOS DE GÊNERO: O Movimento Feminino pela Anistia no Ceará (1976-1979)**. 2009. 232 f. Tese (Doutorado) – Programa de PósGraduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93387>>. Acesso em: 01 out. 2016.

EDITORAS Ática e Scipione. Disponível em: <http://www.atिकासcipione.com.br/nossomos>. Acessado em: 22/11/2016
EDITORA FTD. Disponível em: <http://www.ftd.com.br/a-ftd/a-historia/>. Acessado em 22/11/2016, as 20h e 30 min.

EDITORA Moderna. Disponível em: <http://www.moderna.com.br/institucional/editora-moderna/>. Acessado em 22/11/2016, as 20:40h

EDITORA Positivo. Disponível em: <http://www.editorapositivo.com.br/editorapositivo/>. Acessado em 22/11/2016, as 21h.

EDITORA Saraiva. Disponível em: <http://www.editorasaraiva.com.br/o-grupo-saraiva/#nossa-historia>. Acessado em 22/11/2016, as 21h

FRANCO, Paki Venegas; CERVERA, Julia Pérez. **Manual para o uso não sexista da linguagem**: O que bem se diz... bem se entende. São Paulo: Aliusprint S.a., 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GUIA Digital PNLD 2017. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/pnld-2017/>. Acessado em: 27/09/2016.

GUIA Digital PNLD 2011. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/2349-guia-pnld-2011-%E2%80%93-anos-finais-do-ensino-fundamental>. Acessado em: 27/09/2016.

GUIA Digital PNLD 2008. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/2347-guia-pnld-2008-%E2%80%93-anos-finais-do-ensino-fundamental>. Acessado em: 27/09/2016.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 1, p.133-174, jan. 2005. Semestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v13n1/a05v13n1.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

MOCELLIN, Renato; CAMARGO, Rosiane. O Mundo no Período da Guerra Fria: Brasil sob a Ditadura Militar. In: MOCELLIN, Renato; CAMARGO, Rosiane. **Projeto Apocoma**: História 9º ano. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2015. p. 202-219.

MONTEIRO, Paolla Ungaretti. **(In)visibilidade das mulheres brasileiras nos livros didáticos de história do Ensino Médio (PNLD, 2015)**. 2016. 229 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/8037>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

PELLEGRINI, Marco César; DIAS, Adiana Machado; GRINBERG, Keila. A Ditadura Militar no Brasil. In: PELLEGRINI, Marco César; DIAS, Adiana Machado; GRINBERG, Keila. **Vontade de Saber: História** 9º ano. 3. ed. São Paulo: Ftd, 2015. p. 268-292.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2006, v.26, n.52, p. 149-272. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000200011. Acessado em: 27/11/2016, as 22:30h.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PNLD 2017, Apresentação. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id=12391option=com_contentview=article. Acessado em 28/10/2016, as 12h.

PORTAL do MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>. Acessado em 01/12/2016, as 20h.

RIBEIRO, Vanise Maria; ANASTASIA, Carla Maria Junho. O Mundo Pós-Segunda Guerra: Tempos Difíceis e Desafios do Novo Millennium. In: RIBEIRO, Vanise Maria; ANASTASIA, Carla Maria Junho. **Piatã: História: 9ºano**. Curitiba: Editora Positivo, 2015. p. 159-200.

RAGO, Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira**. In: SILVA, Zélia Lopes (org). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: UNESP, 1995.

ROSEMBERG, Fúlvia; MOURA, Neide Cardoso de; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 137, p.489-519, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000200009>. Acesso em: 01 out. 2016.

SANTIAGO, Pedro; PONTES, Maria Aparecida; CERQUEIRA, Célia. Era da Intolerância: Ditadura Outra Vez. In: SANTIAGO, Pedro; PONTES, Maria Aparecida; CERQUEIRA, Célia. **Integralis História 9º ano**. São Paulo: Ibep, 2015. p. 248-262.

SILVA, Cristiane Beretada. O saber histórico escolar sobre as mulheres e relações de gênero nos livros didáticos de História. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 17, n. 1, p.219-246, jan. 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/440>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

SILVA, M. R. N. & FÉRES-CARNEIRO, T. (2012). Silêncio e luto impossível em famílias de desaparecidos políticos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**. Rio de Janeiro, 2012. n 24, v.1, p. 66-74.

SILVA, Priscila Andrade. **A moda de Zuzu Angel e o campo do design**. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Artes e Design, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELI, Marlene. **Estudar História**. São Paulo: Scipione, 2009. 199 p.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. In. VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 54, n. 27, p.281-300, 2007.

SOUZA, Deusa Maria de. **Lágrimas e lutas: a reconstrução do mundo de familiares de desaparecidos políticos do Araguaia**. 235 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós- Graduação em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SOMOS Educação. Disponível em: <http://www.somoseducacao.com.br/pt/>. Acessado em: 22/11/2016.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. O Mundo da Guerra Fria: Brasil: Da Democracia a Ditadura. In: VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. **Projeto Mosaico: História: anos finais: ensino fundamental**. 3. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2016. p. 197-217.